

Outubro a Dezembro de 1910

---

**BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO**

DOS

**ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES**

(Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, fundada em 1863)

---

**HERCULANO E O MESTRE GIL**

**Notas ao artigo «Os antepassados de Herculano» publicado no N.º commemorativo, deste «Boletim»**

Ao ser convidado para collaborar no numero commemorativo do Centenario de Herculano, do Boletim desta «Associação dos Archeologos» declarei desde logo não poder desempenhar-me de tão ardua tarefa, pois que não possuia preparado trabalho algum de investigação ou de esclarecimento biographico ou critico ácerca de tão illustre portuguez, e só poderia limitar-me a dizer, e dizer mal, o que todos teem dito e repetido do seu engenho, do seu character, da sua grandeza épica.

Ao ler o «Boletim» recheiado de interessantes estudos e lendo o substancioso artigo do nosso estimado consocio sr. G. de Mattos Sequeira, reproducção com leves modificações do que em tempo publicára na *Illustração Portuguesa*, uma pequena ommissão me causou magoa, compellindo-me a escrever estas ligeiras notas áquelle estudo ácerca dos antepassados de Alexandre Herculano.

Foi o caso que, ha bastantes annos, ao elaborar a minha memoria ácerca da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, encontrára eu, em um livro do seu archivo, a confirmação do que João Baptista de Castro nos diz no seu *Mappa de Portugal*, ácerca do bom serviço prestado na triste conjunctura do terremoto de Lis-

boa, pelo irmão da Misericórdia e Mestre Carpinteiro Antonio Rodrigues Gil (1).

O sr. Mattos Sequeira, elaborando o seu artigo, quando em 1906 o fez publicar na *Illustração Portuguesa* sob o titulo de *Uma genealogia interessante*, consignou em nota a fonte onde bebera esta confirmação documental do facto, minusculo e secundario, é certo, na vida do Mestre Gil.

Mas, assim mesmo, por esse insignificante pormenor, ficára o meu nome humilde e obscuro, ligado á biographia dos antepassados do grande historiador, do grande patriota. Se não era motivo para me envaidecer pela minucia de que déra a informação inédita, era motivo para uma pequena alegria intima, esta ligação tão interessante, de estudos e trabalhos de mui diversa indole, que porfim mutuamente se auxiliam e entreatujadam.

O sr. Mattos Sequeira reeditando o seu artigo de 1906, omittiu a nota em que citára o meu nome e a obra onde lêra o facto, que, aliás nesta 2.<sup>a</sup> edição, repete integralmente. Magoou-me a ommissão; e apenas por se ter desligado o meu nome por certo muito involuntariamente nesta tão simples nota, da memoria biographica do grande escriptor, ao qual de outra fórma eu não pudéra prestar uma minima parcella da justa homenagem que a Patria lhe consagrou.

Accresce mais, que tendo eu, no primeiro impulso, tido desejos de corresponder ao convite, tentei ainda reunir alguns escasos materiaes para additar a biographia do mestre Gil. Não me foi possivel colligir materia que chegasse para elaborar um artigo, e desisti.

Dadas porém as circumstancias actuaes, aproveitarei o ensejo de referir o pouco, que em documentos e livros se me depa-rou ácerca do mestre Antonio Rodrigues Gil.

No meu livro *A Santa Casa da Misericórdia*, pag. 117, transcrevi o *Livro das Juntas Grandes* da Irmandade da Miseri-

---

(1) *Mapa de Port.* Lisboa 1763, tomo III, pag. 360: — «até que se resolveo em fazer os actos da Meza em huma barraca de panno e taboas velhas, que estava na rua de S. Bento, a qual era de Antonio Rodrigues Gil Mestre Carpinteiro e Irmão da Misericórdia; e reformando-se esta pelo tempo adiante com mais largueza, alli assietiu a Mesa até o S. João de 1756, etc.»

cordia, existente no seu Archivo, no qual, em assento de 1756, diz — «que a Mesa viu, depois do terremoto que arrasára a sua «Casa e egreja, a urgente necessidade de accommodar provisoriamente as orphãs em casas alugadas, a egreja na ermida de «S. Vicente Ferrer, ás Olarias, e — recorrer a nosso irmão Antonio Rodrigues Gil, mestre carpinteiro da casa, para lhe dar «um commodo na sua barraca (1) que era na rua de S. Bento, «em que pudessem continuar os actos da Santa Casa, onde até «ao presente se tem continuado, com grande descommodo, por «não ter capacidade para se convocarem as Juntas que eram precisas no tempo presente para a determinação das cousas da «casa».

O Irmão Mestre Antonio Roiz Gil, era o mestre carpinteiro, ou mestre das obras da casa, e assim encontro menção d'elle nos livros de Obras da Misericordia.

Em 1769 trabalhava na reconstrucção e reparação do velho Collegio de Santo Antão dos Jesuitas, em via de se transformar nas accommodações de Hospital Real.

Em outubro daquelle anno vencia 400 reis diarios; em dezembro subira o salario a 450 reis, e assim apparece nas contas semanaes, até abril de 1772, em que o seu nome deixa de figurar na relação do pessoal. Nesta obra pagava os jornaes aos operarios o capitão Bartholomeu Nunes da Fonseca, sendo apontador N. Irmão Francisco Xavier do Vale, e intervindo ainda, não sei em que qualidade, N. Irmão Filippe Nunes Colares.

Trazido desta forma a campo, completarei estas noticias, com algumas palavras demonstrativas do meu preito de homenagem a Alexandre Herculano, embora nellas, contra vontade minha, tenha ainda de fazê-lo por meio de notas perfeitamente pessoaes.

Educado desde os mais tenros annos na admiração respeitosa por esse grande vulto, extraordinario como um semi-deus da fabula, ouvia sempre meu pai contar a admiração e o interesse com que vira, no Passeio Publico, ou no Chiado, o grande homem, bisonho, embuçado na sua capa, de chapéu derrubado para os olhos.

Nunca me falavam nesse eminente portuguez, senão com

(1) De panno e taboas velhas, diz João Baptista de Castro.

religioso respeito; assim se me formou no espirito infantil, mas já amante da leitura, o culto intimo por esse homem que eu desconhecia, assim como me tomavam impulsos de admiração pelo velho bardo portuguez, cego, cuja figura respeitavel, nas suas longas barbas brancas, eu a miudo encontrava na Rua do Sol, ao Rato, onde morava e morreu o egregio poeta.

Depois, veio a leitura das obras de Herculano, do romance, da poesia, das lendas, do *Panorama*; e quando sahido apenas das tentativas collegiaes de um *Jardim litterario* (1875) manuscripto, que circulava de mão em mão entre os alumnos do Collegio Parisiense, no numero dos quaes se contavam entre outros — Gil Mont'Alverne de Sequeira, Antonio Maria de Freitas, Paulo Judice, Azevedo e Silva, Gonçalves Marques, Garcia Rosado, Ludovice, etc., me encontrei no Instituto Industrial, entrei para uma sociedade de rapazes talentosos e estudiosos, que em 1882 se congregavam em uma casa modesta na Rua do Poço dos Negros, formando a *Sociedade Litteraria Alexandre Herculano*. Della faziam parte Rozendo Carvalheira, iniciador e presidente della, Avellar Machado, Sá Chaves, Mimoso Ruiz, Antonio J. Firmo, D. Miguel de Alarcão, Dias Coelho, Andrade Neves e outros.

A *Sociedade* teve o seu boletim *O Eurico*, de que sahiram 3 ou 4 numeros, com os retratos de Herculano e do Marquez de Pombal, e effectuava na sua modestissima sala, conferencias, leituras, lendo eu alli em uma sessão um artigo ou discurso sobre a obra do grande Marquez de Pombal, vulto que sempre impressionou fortemente o meu espirito, e pelo qual conservo perenne um culto de assombrada admiração.

Desta sorte se vincularam os meus inicios nas letras, desde a idade de collegial e de estudante á memoria respeitada do nosso grande historiador.

Lida e estudada mais tarde a sua obra, relida com enlevo, conhecida a sua biographia, radicou-se no meu espirito o culto do escriptor, do homem e do cidadão; daquelle que escudado no seu character franca e fundamente plebeu, com todas as épicas grandezas de bondade, de trabalho, de sobriedade, que caracterizam indiscutivelmente a alma deste povo, mestre de heroes e de colonisadores do mundo, girando-lhe nas veias o sangue não adulterado das vividas raças populares, desvendou a *Historia*; firmou

a tradição nacional em bases seguras; creou a *Historia Patria* documental e verídica, e combateu em todos os campos das letras a superstição, o fanatismo, a hypocrisia. Crente na religião ideal e pura, como todo o poeta e toda a alma bôa do seu tempo, Herculano, homem, cidadão portuguez, dedicou a sua vida, o seu character bronzeo á adoração da *Liberdade*, que em toda a sua pujante plenitude, era o seu verdadeiro e intimo *Deus*.

Archeologo apaixonado, tradicionalista pela afeição que creára nos estudos dos documentos, dos archivos e das provas monumentaes da nossa historia, Herculano — é elle quem por estas palavras o diz: — «amava as cousas antigas, mas não gostava de velharias.» «Desejava—continua elle—que a liberdade moderna se afeioasse á guisa da liberdade antiga», — via — «nas instituições medievas quasi todos os principios de liberdade que se imagina modernos», e achava nellas garantias mais verdadeiras, mais solidas do que nas que gozamos hoje— e por isso, definindo a organização municipal como base de todo o organismo social portuguez, reconhecia (são suas estas palavras memoraveis) a—«experiencia dos seculos, as vantagens da civilização, e as verdades que dia a dia conquistam as sciencias sociaes.» (1)

Como archeologo e como cidadão adorava os usos tradicionais da sua patria, mas com a penna e com a espingarda defendia em todos os campos a implantação da idéa nova, o odio implacavel á tyrannia franca, á hypocrisia, á injustiça, aos ataques ao direito.

Aquelle alto espirito sonhador, ideava vêr restaurada na sua Patria a monarchia electiva do Mestre de Aviz, e imaginára realisavel o sonho da conciliação sincera da organização tradicional medieva do municipalismo e da corôa, com as idéas evolutivas da constituição e da carta. Elle que ardentemente ambicionára vêr tão livre o solo da Patria, como a palavra e o pensamento dos seus compatriotas, reconheceu por fim, com amargura infinda, que perante a hypocrisia da reacção politica e religiosa, nem sequer ao historiador consciencioso e austero era permitido escrever a verídica narração dos factos, positivamente apurados em face de irreductiveis documentos, desentranhados a custo de poeirentos e

(1) *Opusculos*, tomo III, pag. 217.

abandonados archivos. Nem siquer nesse campo, puramente scientifico e litterario, podia vingar a *liberdade* de pensamento e a *liberdade* da palavra; e nem siquer á *verdade* sincera e crua, era licito surgir livre nesta Patria tão *sua amada*, da qual elle, patriota ardente, com a espingarda, com o conselho auctorisado e com a penna, emfim, buscára tenazmente expulsar a tyrannia, o fanatismo e a hypocrisia.

Finalmente, ao cabo de uma lucta titanica, de longos annos, Herculano, que pertencendo, como elle dizia — «pelo berço, a uma classe obscura e modesta» — a grande classe anonyma da casta plebéa, nella — «desejava morrer, como nascêra» — reconhecia que todo o seu sonho, todo o seu ideal de poeta e de patriota, havia falhado.

Falhára como haviam cahido por terra as aspirações e os ideaes democraticos dos heroes de 1820, de Fernandes Thomaz, de Passos Manuel, e até mesmo, nos seus effeitos, a assombrosa legislação social revolucionariamente épica de Mousinho e de Aguiar.

E perante este desabar dos ideaes puros do seu espirito, Herculano que condemnára a pena de morte, elle que combatêra a inquisição, o militarismo, a roda dos enjeitados; que repellira todos os titulos e commendas, que desadorava toda a ostentação vaidosa, Herculano, sem ser nunca um demagogo, manteve porém na mais elevada linha, o espirito portuguez, plebeu, rude, sincero, grandioso como o seu character, lidímo como a sua prosa de bronze, numa orientação constante, pelo Bem, pelo Direito e pela Justiça.

Nestas palavras, mal alinhavadas, tentei apenas esboçar a expressão do meu sentir, ante a individualidade superior de Alexandre Herculano, e com ellas vincular incondicionalmente a minha adhesão á grande homenagem que o paiz inteiro prestou á sua memoria.

Lisboa, Abril de 1910.

VICTOR RIBEIRO.

# RELAÇÃO DE MOEDAS

DO

## Brazil-Colonial e Brazil-Imperio

Offerecidas ao Museu do Carmo pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Augusto de Sousa Lobo  
e intermedio do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Arthur Lamas

---

D. PEDRO II, 1683/1706

640 AR 1696 (Bahia, 2.<sup>o</sup> typo)  
320 » » ( » » » )  
640 » 1701 Pernambuco, com E-BD

D. João V, 1706/1750

XX Æ 1718  $\frac{1}{2}$  Série de Lisboa (1.<sup>o</sup> typo)  
» » 1719 » » » »  
» » »  $\frac{1}{4}$  » » » »  
X » 1715  $\frac{1}{2}$  » » » »  
» » »  $\frac{1}{4}$  » » » »  
» » 1719 » » » »  
XX » + 1735 +  $\frac{1}{2}$  Série de Lisboa (2.<sup>o</sup> typo)  
» » • 1735 • » » » » ( » )  
X » » » » » » ( » )  
XX » 1730  $\frac{1}{2}$  Série da Bahia (1.<sup>o</sup> typo)  
» » 1731  $\frac{1}{4}$  » » » »  
X » 1730  $\frac{1}{2}$  » » » »  
» » »  $\frac{1}{4}$  » » » »  
» » 1731 » » » »  
» » 1732 » » » »  
XX » 1722 Para Minas (corôa sem arcos por cima)

## D. JOSÉ I, 1750/1777

XX	•	1753	•	%	} Série do BRASIL, REX
»	»	+ 1753	+	»	
X	»	1753	»	»	
»	»	• 1853	•	»	
XL	»	1757	»	»	} Série de GUINÉA
XX	»	1753	»	»	
X	»	1753	»	»	
»	»	1757	»	»	
XX	»	1761	»	%	} Série da Bahia
»	»	»	»	%	
V	»	1766	»	»	
320	AR	1751,	Com BRASL.D.	»	} Série do Rio
»	»	»	» REX'E.BR.D'	»	
80	»	»	»	»	
320	»	1768	»	SUBQ	} Série de Lisboa
»	»	1773	»	SVBQ	
160	»	1768	»	»	
»	»	1771	»	SUBQ	
»	»	1773	»	»	
80	»	1771	»	»	
150	»	1754	»	»	} Rio para Minas
75	»	»	»	»	
»	»	1755	»	»	
XL	Æ	1774	% duplo	»	} Série de Lisboa
XX	»	1773	»	»	
»	»	1774	»	»	
»	»	1775	»	»	
»	»	1776	»	»	
»	»	»	» variante	»	
X	»	1775	»	»	
»	»	1776	»	»	
V	»	1768	»	»	
»	»	1773	»	»	
»	»	1774	»	»	

## D. MARIA I E D. PEDRO III, 1777/1785

XL	»	1778,	¼,	com	BRASIL	} Série de Lisboa
XX	»	»	»	corôa	alta	
»	»	1781	»	»	larga	
»	»	1782	»	»	»	
»	»	1784	»	»	»	
»	»	»	»	»	alta	
X	»	1778	»	data	sem pontos	
»	»	• 1778 •	»	»	com »	
»	»	• 1781 •	»	»	» »	
»	»	1781	»	»	sem »	
»	»	• 1782 •	»	corôa	larga	
»	»	• 1784 •	»	»	»	
»	»	1785	»	»	»	

## D. MARIA I, 1786/1805

XL	»	1786	¼		
»	»	1787	»		
»	»	1790	»		
XX	»	1786	»		
»	»	1787	»	Corôa	baixa
»	Æ	1787	¼	corôa	alta
»	»	1790	»	»	»
»	»	1796	»	»	baixa
»	»	1799	»	»	»
X	»	1786	»	»	larga
»	»	»	»	»	estreita
»	»	1787	»	»	»
»	»	1790	»	»	»
»	»	»	»	»	larga
»	»	1796	»	»	»

## D. JOÃO, PRINCIPE REGENTE, 1799/1818

XL	»	1815	
»	»	1816	
»	»	1817	
XX	»	1813	— os xx com as hastes invertidas
»	»	1814	
»	»	1815	
X	»	1805	
»	»	1806	
XL	»	1802	Série de Lisboa
XX	»	1802	
»	»	1803	
X	»	1803	
»	»	1805	
XL	»	1812	corôa sem perolas
»	»	»	»
»	»	»	»
»	»	»	»
»	»	»	»
»	»	»	(% furo)
»	»	1814	Série da Bahia
»	»	1816	

## D. JOÃO VI

LXXX	Æ	1821	$\frac{1}{4}$	Série do Rio
»	»	1822	$\frac{1}{2}$	
XL	»	1818	$\frac{1}{2}$	
»	»	1821	»	
»	»	1822	$\frac{1}{2}$	
X	»	»		
LXXX	»	1820		Série da Bahia
XL	»	»		
X	»	1821		
75	»	1818		Série de Minas
»	»	1819		
»	»	1821		

## Brasil-Imperio

D. PEDRO I, 1822/1831

80	Æ	1823	com e sem	°/ 40
»	»	1824	» » » »	»
»	»	1825	» » » »	»
»	»	1826	» » » »	»
»	»	1827	» » » »	»
»	»	1828	» » » »	»
»	»	1829	» » » »	»
»	»	1830	» » » »	»
»	»	1831	» » » »	»
40	»	1823	com e sem	°/ 20
»	»	1824	» » » »	»
»	»	1825	» » » »	»
»	»	1826	» » » »	»
»	»	1827	» » » »	»
»	»	1828	» » » »	»
»	»	1829	» » » »	»
»	»	1830	» » » »	»
»	»	1831	» » » »	»
20	»	1823	com	°/ 10
»	»	1824	» e sem	°/ 10
»	»	1825	» » » »	»
»	»	1826	» » » »	»
»	»	1827	» » » »	»
»	»	1828	» » » »	»
»	»	1829	» » » »	»
»	»	1830	» » » »	»

Série do Rio

80	»	1824	$\frac{c}{c}$	40		
»	»	1825	$\frac{s}{c}$			
»	»	»	com simulacro de $\frac{c}{c}$			
»	»	1826	»	»		
»	»	1827	$\frac{s}{c}$			
»	»	»	$\frac{c}{c}$	40		
»	»	1828	»	»	(BRAS)	
»	»	»	»	»	(BARS)	
»	»	1829	$\frac{s}{c}$			
»	»	»	$\frac{c}{c}$	40		
»	»	1830	»	»		
40	»	1828	»	20		
»	»	1829	»	»		
»	»	1830	»	»		
80	Æ	1828	$\frac{s}{c}$		} S. P. — S. Paulo	
»	»	»	$\frac{c}{c}$	40		
»	»	1829	$\frac{s}{c}$			
80	»	1828	$\frac{s}{c}$		} G. — Goyaz	
»	»	»	$\frac{c}{c}$	20		
»	»	»	»	»		com VICES
»	»	1829	$\frac{s}{c}$			
»	»	1830	$\frac{c}{c}$	20		
»	»	1831	»	»		
40	»	1830	$\frac{c}{c}$	10		
80	»	1828	$\frac{s}{c}$		} C. — Cuyabá	
»	»	»	$\frac{c}{c}$	20		
»	»	1830	»	»		
40	»	1825	»	10		
»	»	1828	$\frac{s}{c}$			
»	»	»	$\frac{c}{c}$	10		do Pará
»	»	1829	»	»	»	
»	»	1830	»	»		

D. PEDRO II, 1831/1889

80	»	1831	$\frac{c}{c}$	40	} R. — Rio
»	»	1832	com e sem $\frac{c}{c}$ 40		
40	»	1832	»	»	

80	»	1833	1/2	40	} G. — Goyaz
40	»	1832	»	10	
40	»	1833	1/2	10	— C. — Cuyabá
40	Br.	1873			} Sem letra monetaria
»	»	1874			
»	»	1875			
»	»	1876			
»	»	1877			
»	»	1878			
»	»	1879			
»	»	1880			
20	»	1868			
»	»	1869			
»	»	1870			
10	»	1868			
»	»	1869			
»	»	1870			

## Moedas portuguezas

D. João V

Seis vintens AR

X	Æ	1737
»	»	1738
»	»	1744
»	»	1746
V	»	1728
»	»	1732
«	»	1734

D. José I

200	AR	1752	} Continente
»	»	1766	
Seis vintens	AR		
X	Æ	1764	
»	»	1765	
III	»	1751	

## D. MARIA I

X	»	1792	para o Continente
V	»	1799	» » »
5	»	1797	para os Açores

## D. JOÃO, P. REGENTE

400	AR	1814	} Continente
»	»	1815	
»	»	1816	
40	Br.	1814	

## D. JOÃO VI

40	»	1820	} Continente
»	»	1823	
»	»	1825	
X	Æ	1819	

## D. MARIA II

XX	»	1848	} Continente
»	»	1849	
»	»	1850	
X	»	1836	
»	»	1846	
V	»	1852	
20	»	1843	para os Açores

## VARIAS NOTICIAS

SOBRE A

**Historia Antiga de Penafiel (1)**

## I

Emquanto as aguias romanas avassallavam o mundo antigo, diffundindo por toda parte a luz dessa brilhante civilisação, que se irradiava da esplendida cidade do Tibre, eram os escriptores romanos, que archivavam os successos da vida das nações barbaras, ao mesmo tempo que lhes desenhavam os costumes, descreviam o paiz e indicavam os seus productos naturaes. É por intermedio desses escriptores, que chegou ao nosso conhecimento a historia da Lusitania durante a conquista dos romanos, e depois sob o dominio destes.

As invasões dos povos septentrionaes, que destruíram o imperio dos Cesares, sepultando sob as ruínas do colosso os maravilhosos progressos humanitarios por elle creados, lançaram a Europa no mais deploravel estado de ignorancia e barbaridade. Entretanto, apesar de se ir sumindo rapidamente no occaso, aquella luz ainda allumiou, e como que gravou, com seus amortecidos reflexos, no livro magno da historia da humanidade, os principaes acontecimentos dessa grande transformação social. Porém quando, não sendo ainda bem passados tres seculos, os arabes, como o mar que rompe os diques, se arremessaram, implacaveis e ferozes, sobre a peninsula iberica, derrocando pela base a monarchia visi-gothica, inundando e devastando todo o seu territorio, demolindo os templos christãos, a cuja sombra começava a sociedade a regenerar-se e polir-se, esta bella parte da Europa cahiu de novo nas trévas da ignorancia e barbaridade. E desta vez foram

---

(1) Transcripto do *Commercio do Porto* de 1872.

Veja pag. 57 deste tomo do *Boletim*.

trévas tão densas, que pouco ou nada sabemos dessa breve e cruenta agonia do imperio visi-gothico, e da longa e atroz perseguição dos miseros vencidos.

Depois, quando os christãos, foragidos e occultos entre as brenhas das serras, já crescidos em numero, se juntaram, fundando no valle de Covadonga o pequeno reino das Asturias, teve principio essa grande lucta, em que os campeões de Christo e os sectarios de Mafoma arcaram peito a peito em guerra de exterminio, fazendo de toda a peninsula um vasto campo de batalha, no correr dos seculos.

A historia do nosso paiz durante este periodo dilatadissimo de guerras sem treguas, sobretudo até Portugal ser constituido em condado em favor de D. Henrique de Borgonha, é muito escura, e a maior parte dos factos, que guardou em seus archivos, estão cercados de fabulas, ou cheios de inverosimilhanças e contradicções. São poucos, talvez raros, os successos, que não admitam duvidas, e não dêem motivo para largas controversias. A uns faltam documentos que os auctorisem. Outros apenas teem em seu abono simples memorias, escriptas em epochas muito posteriores, e que, na maior parte das vezes, se contradizem, ou estão em contradicção com os monumentos de pedra, que lhes deveriam servir de testemunhas. Alguns baseiam se unicamente em tradições, que a boa critica regeita. É necessario, quasi sempre, discurrir de conjectura em conjectura para se chegar a uma conclusão apenas plausivel.

Por estas razões, é por julgarmos improprio o lugar para dissertações archeologicas, procuramos ser breves no periodo escurissimo da historia do nosso paiz, em que se presume que Arrifana de Sousa teve origem e o seu primeiro desenvolvimento.

O estudo consciencioso e as investigações perseverantes, se teem por guia uma critica esclarecida, alcançam ás vezes fazer penetrar algum raio de luz atravez da escuridão dos tempos. É por esta rasão que são de muita utilidade os jornaes de archeologia, onde os estudiosos vão depositando os fructos de suas lucubrações, ora revelando mysterios historicos, ou esclarecendo duvidas, ora abrindo amplo caminho, ou simplesmente facilitando mais os passos aos que tentarem depois delles, devassar essas veredas incognitas do passado. Attendendo a estas considerações, e a que

não nos empenhamos em controversias fastidiosas, folgamos de apresentar aos nossos leitores o resultado dos estudos do sr. Simão Rodrigues Ferreira, sobre alguns pontos da historia antiga de Penafiel.

## II

«Penafiel, diz o sr. Rodrigues Ferreira, na situação que ao presente occupa, começou a existir no seculo xiv com o nome de Arrifana de Sousa. Era então a primeira pousada em que descansavam os viandantes que se dirigiam da cidade do Porto para a provincia de Traz-os-Montes. Porém o foral do seu concelho data de tempos muito anteriores á fundação da monarchia portugueza. A povoação a que dizia respeito estava situada na freguezia de Santo Estevão de Aldrões, no lugar do *Carvalho das Sete Pedras*; e o seu castello erguia-se no cimo do monte denominado Castello de Penafiel, na mesma freguezia. Já no reinado de Fernando Magno, rei de Leão, alli se faziam os julgamentos, segundo refere João Pedro Ribeiro nas suas «Dissertações chronologicas».

«Ha memorias anteriores á conquista da Lusitania pelos romanos, que se referem aos povos celtas denominados *gallici*, que invadiram o territorio que delles tomou o nome de Galliza. Conforme o uso dos povos antigos, para a defensa do paiz aproveitavam se dos cumes dos montes. A essas primeiras fortalezas chamavam *Penas* ou *Penhas*. Da sua existencia resta o nome em muitas terras do nosso paiz; e o mesmo acontece com os *Castros* dos romanos. Daquellas são diminutivos as *Penéllas* e destes os *Cristellos*. Às *Penhas* ou *Penas* veio a juntar-se um nome corographico, local, pessoal e accidental, de que se deriva o das povoações Penadono, Pena Garcia, Penajoia, Penalva ou Pena Alva e Penafiel; este ultimo talvez por algum feito historico que se ignora.

«Da epoca celtica tem este concelho muitos padrões, que investigatei, e sobre os quaes escrevi uma memoria, que enviei ao sr. Mendes Leal, que a cita no artigo «S. João de Alporão» na obra «Monumentos nacionaes». O proprio nome do lugar a que fôra dado o foral do concelho *Carvalho das Sete Pedras* revela

ter alli existido outrora um monumento druidico, onde se administrava a justiça. Por toda a Galliza havia muitos destes circulos celticos, formados de grandes pedras, denominados *Cromlec*, cuja abobada era o ceo, levantando-se no centro o carvalho symbolico; o que se póde ver na obra de D. José Vera de Aguilar, impressa em 1838.

«Neste lugar, portanto, esteve a balança da justiça; ahi se conservou durante o longo periodo do dominio romano, e até aos principios da monarchia, e ainda posteriormente, no tempo em que este concelho era termo da cidade do Porto.

«Naquella epocha celtica, segundo Strabão, Pomponio Mella e Plinio, habitava o districto do Porto a tribu *Tamarici* ou *Tamacana*. Della se derivou o nome da via romana de segunda ordem, chamada *Tamacana via*, que atravessava o concelho de Penafiel, e da qual ainda restam vestigios nos nomes de algumas terras, taes como: Canas, S. Thomé das Canas, Santo Adrião das Canas, Caniva e Canavezes. Esta ultima é sem duvida uma abreviatura de *Tamacana via*. Era importante esta via por ser a mais curta por onde se dirigiam os romanos ás *Thermas*, e por onde conduziam os metaes que extrahiam das minas de Vallongo e da serra do Raio: ia entroncar na via romana que descreve Antonino Pio, e que communicava Olisipo com Traz-os-Montes, passando pela Beira.

«Argote, nas suas «Memorias do arcebispado de Braga», descreve um padrão, que comprova a existencia desta via. É uma ara romana, que «Nello Eredio, procurador das estradas publicas, dedica aos deuses lares dos cirenaicos», povos que habitavam perto do rio Tamega. Esta ara serve presentemente de pedestal á pia baptismal da igreja de Thuias. Daqui para baixo a via romana dirigia-se ao Sousa, Castello de Aguiar de Sousa, no meio do rio. Este logar era importante, sob o dominio dos romanos. Ainda se vêem á beira do rio grandes montes de cascalho, da lavagem dos metaes, tirados das minas de Vallongo e serra do Raio. Houve alli edificios romanos. A via seguia direita a Vallongo, povoação a que as minas davam importancia; passava o Douro em Crestuma, vindo entroncar na via romana em Lancobrica.»

Passando a fallar das invasões e dominio dos suevos e dos

mouros, diz o sr. Rodrigues Ferreira, que «tem visos de verdade o que escreveu frei Bernardo de Brito ácerca de D. Faião Soares, que vivia para os lados de Entre os Rios no anno de 740, pouco mais ou menos, na freguezia de Eja, onde estava nesse tempo a povoação, que tinha o foral *civitas*. Supponho ser um dos condes que pactuaram com Abdelaris, quando veio a esta provincia, e destruiu o Porto, Braga e outras povoações do Minho. A pouca distancia dalli teve começo Arrifana de Sousa. Diz o nosso orientalista frei João de Sousa (*Vestigios da lingua arabica*) que a Arrifana é nome arabico. Pela vulgaridade do nome Arrifanas, e pela junção de um substantivo local, tenho para mim, que era um nome com que os arabes designavam uma terra linda, agradavelmente situada, e bem cultivada, com pomares, fontes, etc. Daqui provieram as muitas Arrifanas, assim como no tempo dos romanos as Aveledas. É certo que esta terra era o lugar de Arrifana de Sousa no seculo VIII. Os Sousas chegaram aqui no seculo IX, e tomaram esta terra de presuria aos mouros. Viviam na freguezia de Novellas, mas tinham um castello em Arrifana, no monte da Fraguada, onde, depois da tomada de Lamego, Vizeu e Coimbra, no reinado de D. Affonso III de Leão, fizeram seus paços. Foram estes arruinados por El Mansour, mas ainda se conservam reliquias delles, e são a torre dos sinos da igreja matriz da cidade de Penafiel, assim como se vêem restos do antigo castello em parte do frontespicio da mesma igreja, reparados em 1560, quando esta foi construída.

«No alto da villa, hoje cidade, era o monte da forca, documento irrecusavel do poder feudal daquelles fidalgos. Aqui principiava o couto de Bustello, cujo mosteiro foi por elles fundado, assim como o de Pombeiro.

• Nas invasões de El Mansour, depois que este general retomou Lamego, Vizeu e Coimbra, cahiram estas terras em poder dos musulmanos, que as tiveram algum tempo subjugadas. Dominou-as no decurso desse periodo um mouro chamado Agan, que deu o nome á freguezia de Abragão, que fica perto de Penafiel. Este mouro tinha uma filha chamada Zara Liaça (flor delicada), e que era casada com o rei de Lamego Ibn Albuasan.

«Estiveram os mouros de posse deste territorio até á chegada ao Porto da armada dos gascões em que vinha D. Moninho

Viegas. Ao esforço deste fidalgo e dos senhores feudaes desta terra se deve a expulsão dos mouros, ao cabo de muitas e renhidas batalhas; mas ainda ficaram expostos ás correrias dos infieis até ao reinado de el-rei de Leão D. Fernando Magno.

«O castello de Penafiel foi governado por Moninho Viegas e seus filhos; e continuou a ter governadores até ao principio da monarchia e ainda depois. No reinado de D. João 1 foi governador do castello e julgado de Penafiel João Rodrigues Pereira, epocha em que foram annexados ao termo da cidade do Porto. Passaram depois aos Peixotos, e ao diante reivindicou-os a corôa. No fim do seculo passado foram dados os seus fóros e reguengos ao conde de Penafiel, em compensação da perda do officio de correio-mór do reino».

São estas as principaes noticias, que se contêem nos apontamentos, que nos enviou o sr. Rodrigues Ferreira. Não concordamos com todas as suas opiniões, mas agradecemos a bondade, que teve, de nos communicar esses resultados dos seus estudos em assumpto tão nebuloso e difficil.

#### I. DE VILHENA BARBOSA.

# FEITOS D'ARMAS

(Continuado da pag. 27)

## II

### Gaspar Pinto

(1665 — 1698)

Percorrendo os documentos numerosos da Misericórdia de Lisboa, emociona nos o triste brado de seculos, perpetuado nos requerimentos da fome, — o brado da miseria que asoberbava o paiz.

D'entre esse immenso clamor dos indigentes, sobresaem os gritos de piedade do soldado, que tendo conquistado nos combates de terra e mar essas auras da gloria guerreira de conquistas e latrocinios, de que inda hoje se ensoberbece a tradição nacional, vinha depois, esquecido daquelles cujos caprichos e vaidades regára com o seu sangue, morrer nos miseros catres dos hospitaes, deixando na indigencia mais horrorosa as mães, as viúvas e os filhos.

Camões e Antonio Galvão legaram-nos memoria triste da sua morte miseravel nos grabatos hospitalares; a moral antiga enthronizava os heroes da guerra, glorificava os conquistadores e os grandes capitães, esquecendo por completo que essas glorias e triumphos eram obtidos não só á custa do sangue dos inimigos vencidos, mas tambem comprados a troco das vidas, da saude e do futuro das familias dos soldados da Patria!

Soprava então, como ainda ao presente, nas sociedades atrasadas, o vento da insania, das glorias guerreiras, dos odios nas campanhas injustas, violentas, determinadas pelas ambições dos soberanos, pelas intolerancias das religiões, pelos caprichos dos governantes, pelas vaidades das conquistas.

A Europa, na sua grande maioria christã, esquecêra as palavras evangelicas de Jesus — *amai-vos uns aos outros*, — e afogava-se em sangue, através dos seculos, nas guerras fratricidas. inuteis, da religião e dos dynastas.

Inebriavam-se as hostes belligerantes sob falsos ideaes de *Patriotismo*, votando odios entre nações que deviam ser amigas, porque as desintelligencias dos grandes não hesitavam em sacrificar aos seus caprichos perversos a paz, o socego, a felicidade dos povos, que tinham a desdita de estar sob os seus despoticos governos.

A moral hodierna, levantando de novo o grande ideal do Nazareno, clama que a Patria com o exercito armado é a inimiga dos povos e da humanidade, da mulher e da creança; a servidão militar inimiga do Progresso e da Civilização, e a disciplina, que leva cegamente o soldado ao campo de batalha, ao sacrificio da vida, da saude, do bem e da prosperidade da familia e da nação, inimiga implacavel dos principios mais santos da Humanidade.

Só nos casos da defesa — individual ou patria — pode accetar-se a lucta entre homens. A' guerra só obrigam o cidadão livre dos tempos modernos — as necessidades impreteriveis de oppôr as suas armas á violencia de invasôres, que ameacem o solo querido de nossos paes. Então, o genio da Patria, como o esculptor Rude o comprehendeu no seu soberbo grupo do Arco de Triumpho, em Paris, inspira o cidadão a essa lucta defensiva que se impõe, para salvaguardar o solo, a aldeia, a casa de seus paes, a familia, o patrimonio dos filhos.

Nem é facil de comprehender, como na epocha presente, o chamado espirito de disciplina militar pode coagir ainda os homens alistados por leis em que revivem os velhos direitos feudaes, obrigatoriamente, a erguer arma assassina contra o branco seu irmão europeu, ou contra homens de outras raças, nos seus paizes nataes, para os matar, atacar, espoliar, por caprichos de gloria, vaidades de dominação, as mais das vezes barbara e deshonesta, ou pruridos de annexações insolitas.

A documentação abundante que temos percorrido demonstraria, se preciso o fôsse, mais uma vez, os tristes resultados da vida belligerante do soldado, que, em vez de servir a Patria na lavoura e no amanho das glebas, no pacifico e proveitoso labor das officinas, no cultivo intelligente das artes e das lettras, vai conquistar, violentado pelo preconceito do poder e da força, vãs glorias de guerra e de conquista, criminosamente ganhadas á custa do sangue e das vidas dos seus irmãos.

Num estudo anterior mostrámos documentos relativos a feitos d'armas da guerra da Restauração, uma das poucas em que as armas portuguezas puniam por um ideal santificador, ás barbarias da guerra, numa campanha de libertação e de defesa do nacional patrimonio.

Longos annos, pôr muitos seculos o pobre soldado, essa *chair à canon* desprezível e vil, era esquecido dos grandes que aproveitavam em honras, glorias e proventos, o sacrificio obrigatorio da sua vida e de sua saude.

Mortos no combate, ficavam mulher e filhos na miseria; estropiados nas guerras vinham augmentar elles e os seus a multidão de mendicantes que percorriam as feiras, as festas e as estradas, ou pullulavam nas ruas da grande capital.

Só em 1826 a princesa do Brasil Maria Francisca Benedicta tomou a iniciativa de crear o Hospicio dos Invalidos Militares de Runa. Mas apesar disso, as continuadas guerras que nos assoberbaram — desde a da Restauração até á guerra Peninsular, e ás luctas civis, produziram milhares de indigentes, de famintos, de aleijados e de enfermos.

Por isso, nas qualidades declinadas por centenares de pedintes que imploravam desde 1634 até 1842 as esmolas e beneficencias da Misericordia de Lisboa nos apparecem a cada passo os requerimentos de brigadeiros, capitães do exercito, officiaes de marinha, tenentes, cabos e soldados das hostes portuguezas, que, para si ou por bocca de seus descendentes cahidos na maior miseria, pediam esmolas, remedios, recolhimentos para as orfãs, tumba para os fallecidos.

Apontaremos agora alguns de que tomámos nota, e que são apenas a vanguarda da numerosa legião dos pedintes que trazem, de pés descalços e fardamento esfarrapado, uma bagagem de postos e honrarias conquistados nas campanhas, e retintos ainda no sangue de inimigos ou de compatriotas divididos pelas perturbações ruinosas das guerras civis.

Temos nota, alem do Braz Pessoa e do Gaspar Pinto, objecto desta pequena noticia documental da miseria militar, dos casos seguintes:

Um Manuel Dias, capitão de infantaria, reformado no terço da guarnição da côrte, o *ruivo* de alcunha, deixa mulher pobre e

a filha orfã internada no Recolhimento da Santa Casa (1697), e o capitão Manoel Marques Alcantara, que deixou viuva e filhos na miseria, vindo uma dellas Thereza, requerer admissão no mesmo Recolhimento da Casa (1698).

As guerras civis deram abundantes casos :

Manuel José Biancardi, capitão, deixa viuva que pede esmola em 1837; Francisco Antonio de Abreu, cadete do regimento de Lippe, pede elle mesmo um auxilio (<sup>o</sup>/<sub>a</sub>), Maria Thereza e Maria Cesar, viuvias de João da Camara, soldado, e de Matheus Antonio Valente, cabo, ambos do regimento 18, mortos no cerco do Porto, veem em 1857 supplicar uma esmola; Manuel de Araujo e Cruz, capitão, convencionado de Evora Monte, impetra para a sua própria miseria um auxilio; José Ferreira Lordello, misero soldado das campanhas liberaes, esmola igualmente, como desvalido; e como estes José João Negreiros, tenente de infantaria sem soldo; José Joaquim de Carvalho, alferes de atiradores do Algarve (1825), o major José Maria Salema (1868), o primeiro sargento José dos Reis Monteiro (1844), Thomaz Dias, cadete de artilharia, Miguel José de Oliveira, official convencionado de Evora Monte (1845), etc., etc.

Não alongaremos aqui a lista, que se estenderia até os nossos dias, pois que, não esqueceu ainda por certo, da memoria de todos nós o triste espectáculo de alguns das heroes de Marracuene, esmolando, amarellecidos pelas febres, nas ruas de Lisboa.

Ainda ha poucos dias, um jornal de Lisboa inseria a seguinte triste noticia :

#### A PATRIA RECONHECIDA

#### Um heroe sem casa e sem pão

«Escreve-nos Eduardo de Sousa Garcia, um soldado que tomou parte nas campanhas dos Dembos e do Ambriz, em 1908, 1909 e 1910, queixando-se da fórma porque foi demittido do exercito, depois de inutilizado em campanhas onde conquistou, pela sua coragem, condecorações. Segundo elle diz, indeferiram-lhe um requerimento que fez para voltar para o Ultramar, e deram-lhe baixa sem lhe concederem ao menos alguns dias de rancho e pernoitar no quartel enquanto procurava qualquer collocação. Agora percorre ao acaso as ruas da cidade e dorme ao ar livre, até que

«alguma pessoa que delle se compadeça o recolha ou lhe arranje «emprego.»

Neste segundo estudo dos — *Feitos d'armas* — falaremos pela letra eloquente dos documentos nesse pobre soldado do terço da armada, da companhia do capitão Gaspar do Porto Morato, o qual serviu nas campanhas do Alemtejo, em Montes Claros, e nas costas de Portugal, até ás ilhas, assim como nas costas de Hespanha e nas do norte da Africa, nas fragatas e navios contra os turcos, nos annos de 1665 a 1679, e em toda a parte Gaspar Pinto se houve sempre, tanto em terra como no mar, no dizer do seu illustre capitão — «como honrado soldado», mostrando — «em todas as occasiões grande cuidado, valor e zelo» pelo que se tornou merecedor de toda a honra e mercê que S. M. fôsse servido fazer-lhe.»

Vejam os pois mui succintamente o que os documentos adeante transcriptos nos dizem da vida do pobre soldado do terço da armada Gaspar Pinto e de sua viuva e filhos.

Primeiro vejamos os trabalhos e serviços militares de Gaspar Pinto.

Em 1665 (Doc. 1) Manuel do Porto Morato, capitão de Infantaria, do terço da Armada, attesta que indo ao Alemtejo, com as tropas do seu commando, assistiu á fortificação da praça de Beja, sahindo depois a Villa Viçosa buscar o inimigo, com o qual travaram peleja em Montes Claros, durante 6 horas, até o derrotarem, causando-lhe muitos mortos e feridos e agregando-lhe a artilharia e bagagens. O terço marchou na vanguarda com a cavallaria, servindo nestas acções o soldado Gaspar Pinto, com muito valor e zelo.

Em 1671 o mesmo capitão testifica que, sahindo com a armada, de Lisboa, a correr a costa, em 22 de julho, embarcou com a sua companhia na fragata Rainha I, de que era capitão de mar e guerra D. Rodrigo da Costa, dando caça aos navios que encontravam, até recolherem á barra de Lisboa a 20 de outubro. Nesta empreza tomou parte Gaspar Pinto. (Doc. 11).

No anno de 1673, foi este bravo, em companhia do capitão Manuel de Abreu de Lima, embarcado na fragata «Santa Maria de Saboia» aos 19 de julho, a correr a costa, e até ás ilhas, comboido a naveta «O bom Jesus da Trindade» e outros navios que

com esta vinham da Bahia, até mettel-os todos barra dentro e depois á costa do Algarve, dando caça a navios de turcos, com os quaes travaram varios combates, alguns por espaço de tres horas, batendo-se denodadamente; arribando a Belem, sahiram de novo ás Ilhas, e um temporal lhes causou grande destroço na fragata, obrigando-a a recolher ao porto de Lisboa, de onde outra vez ainda intentaram a viagem, que o mau tempo impediu, conseguindo o barco milagrosamente arribar a 6 de dezembro. Nestas viagens da fragata o soldado Gaspar Pinto portou-se sempre com muita vigilancia e cuidado (Doc. III).

Em 1675 embarcava com o capitão Manuel de Porto Morato, na fragata «Madre de Deus» aos 5 de abril a comboiar o galeão «S. Pedro de Rates» que ia para a India, até 60 leguas a sueste da Madeira, deixando nesta ilha o bispo; na volta foi buscar um navio do Brasil, que a 23 de maio tivera um mau encontro com um navio de turcos argelinos, travando-se então peleja rija que durou mais de tres horas, com cargas de artilharia e mosquetaria, até o pôrem em retirada, e o perseguirem ainda enquanto poderam avistal-o. N'estes combates tomou sua parte o soldado Gaspar Pinto, sem desmerecer da boa fama anteriormente atestada (Doc. IV).

Em 1674 sahiu na fragata «Santa Maria de Saboia», a correr a costa, em 18 de junho, a comboiar duas charruas (1) á Pederneira, voltando depois em julho e indo neste mez á ilha Terceira a buscar o prisioneiro rei Affonso VI. Demoraram alli 10 dias, regressando a Lisboa, onde chegaram em setembro, dando fundo na enseada de S. José, onde desembarcou o real preso, e sahiram em Outubro, novamente, a comboiar alguns navios, dando caça aos piratas e mouros, e indo em 30 de outubro ás *rias* de Galiza buscar um navio que vinha do Brasil, com um aviso, vindo com elles para Lisboa, onde chegaram a 18 de novembro, e nestas empresas andou o nosso soldado (Doc. V).

A bordo da nau capitania «Nossa Senhora da Conceição», de que era capitão de mar e guerra Alvaro Dias Gomes, sae de novo na sua companhia Gaspar Pinto, correndo a costa de Portugal e

(1) Grandes navios de guerra para transporte de tropas.

Algarve, a do Mediterraneo, as da Hesparha e da Barbaria, dando caça aos turcos, e fazendo dar á costa em Argel a um navio daquelles inimigos (Doc. vi).

Na mesma nau capitania, embarca a 5 de julho de 1676, com o capitão Antonio Roiz de Mattos, e vae correr a costa até ao estreito de Gibraltar, caçando e apreizando barcos dos turcos, até voltarem a Lisboa, em 29 de setembro, procedendo sempre o nosso Gaspar Pinto como honrado soldado (Doc. vii.).

Em 1677 a companhia do capitão Morato embarcava na fragata «S. Boaventura» aos 30 de julho, para correr a costa até á bahia de Cadix, de onde sahiram tres fragatas hespanholas, que incorporando-se com a portugueza, fôram até ao estreito e d'alli a comboiaram á cidade de Malaga, de onde sahiram mais duas fragatas castelhanas, levando munições para soccorro á praça de Oran, onde chegaram a 27 de Agosto. Os navios castelhanos entraram naquelle porto e a nossa fragata ficando no mar, viu-se na necessidade de arribar a Malaga por causa do mau tempo. Voltaram a Oran, mas não conseguindo abordar, por causa de temporaes, regressaram á barra de Lisboa (Doc. viii).

Finalmente a 21 de junho de 1679, com a sua companhia, estava Gaspar Pinto na guarnição da fragata «Santo Antonio», que ia a correr a costa até Gibraltar e Cadix, dando caça e batalha a um navio turco, desembarcando só a 30 outubro (Doc. ix).

São interessantes as minucias destes feitos d'armas navaes dos portuguezes, revelando-nos pormenores valiosos de datas, itinerarios, nomes de navios e de seus commandantes, e empresas militares que lhes eram confiadas naquelle tempo em que a segurança dos mares não existia, ameaçada sempre a navegação européa pelas investidas dos piratas e pelas guerras do turco da Barbaria; em todos elles se mostra como typo do soldado das companhias do terço da Armada, o nosso Gaspar Pinto, revelando-se-nos n'este periodo de 1665 a 1679 a phase bellica e gloriosa da sua existencia, attestada em honrosissimos documentos, firmados com os nomes e sellos de illustres capitães.

Que succedeu depois ao veterano de tantas empresas?

Sabemos apenas que, em 1683 estava elle casado com uma ramilheteira, de nome Angela da Cruz, e morador na freguezia de S. José de Lisboa; baptisava aos 20 de abril a sua filha legi-

tima, Joanna, tendo por padrinho Antonio Henriques e por madrinha Antonia da Costa (Doc. x).

Houve deste matrimonio outra filha, de nome Thereza da Cruz (Doc. xii).

O soldado, heroe de feitos guerreiros, veiu a perder o juizo, na quietação, ou quem sabe nas agruras e miserias do lar domestico, e em 1690, isto é, sete annos depois do nascimento da filha Joanna, dava entrada a 19 de abril no Hospital Real de Todos os Santos, fallecendo a 28 de junho do mesmo anno, na enfermaria de São Vicente (Doc. xi).

A viuva morreu tambem na miseria, e das duas filhas, uma, a Thereza da Cruz, em 1698 estava no Recolhimento da Misericordia, e a outra em casa de uma Martha Corrêa, viuva de Afonso Pereira, moradora no beco de Seixo, ás Portas do Mar, freguezia da Sé.

As duas orfãs, por fallecimento dos pais, de quem lhes não ficaram bens alguns, haviam sido recolhidas caridosamente por aquella bôa viuva, ainda sua parenta (Doc. xi e xii).

Joanna Pinto, contando em 1698 os seus 15 annos, requereu tambem á Santa Casa da Misericordia lhe acudisse na sua triste orfandade, visto não ter amparo algum, recolhendo-a em um dos logares deeducandas do Recolhimento (Doc. xiii).

Allegava a pobre da orfãsinha, os serviços do soldado; nos registos da Armada real estavam os pergaminhos dos seus feitos d'armas, unico patrimonio que de seus pobres paes herdára. O desgraçado que em perigos e trabalhos servira a Patria durante quatorze ou quinze annos, morrêra no grabato do Hospital Real, deixando a viuva e duas filhas na miseria. A mãe morrêra tão pobre, que de esmolas a enterraram, e as filhas achavam por unica guarida, alem do temporario amparo de uma tambem pobre parenta velha, o providencial recurso do antiquissimo Recolhimento, que á custa de quantiosos legados, a Misericordia de Lisboa sustentava e ainda hoje sustenta, creando, educando e tutelando orfãs desvalidas.

A Mesa da Misericordia por despacho de 23 de março de 1698 mandou admittir Joanna Pinto em um dos logares da testamentaria de Manuel Rodrigues da Costa, o generoso bemfeitor que deixára os seus bens para o alargamento da benemerita ins-

tuição. Assignam este documento o Provedor e mesarios. — Conde de Assumar, — D. Francisco de Sousa, — Antonio Francisco Velho, — A. Manuel Pinheiro de Abreu, — Diogo de Andrada Leitão, Sancho de Mello da Silva, — Manuel da Silva e Julião Alves de Barros.

Eis os documentos I a XIII, que elucidam este episodio curioso da beneficencia de seculo XVII, amparando e protegendo as filhas de um valente servidor da Patria, nas guerras inglorias em que se sacrificam as vidas, e se inutilisam os homens, que nos mil officios modestos, mas gloriosamente uteis da paz, teriam sido cidadãos prestimosos e poderiam não só ter cooperado para a riqueza material e intellectual do seu paiz, como tambem ter adquirido nesse esforço laborioso e productivo, meios e haveres com que sustentar os seus, e legar-lhes os modestos recursos grangeados no trabalho honrado e fecundo.

## DOCUMENTO I

1665

M.<sup>el</sup> do Porto Morato, capp.<sup>am</sup> de Infantaria do terso da Armada Real de que he m.<sup>tre</sup> de Campo Matias da Cunha.

Certefico q.<sup>e</sup> mandando S. M. q.<sup>e</sup> D.<sup>s</sup> G.<sup>de</sup> marchar o Terso p.<sup>a</sup> a provincia do Alemtejo em catorze de Maio deste prez.<sup>te</sup> Anno de seiscentos e sesenta e cinco, pellas noticias q.<sup>e</sup> tinha o inimigo viria a Beia o mandarão p.<sup>a</sup> a d.<sup>a</sup> praça donde se assistio com todo o cuidado no trabalho e frotificação della até q.<sup>e</sup> por hordem do Marquez de M.<sup>a</sup>Alva, cap.<sup>an</sup> g.<sup>al</sup> da d.<sup>a</sup> provincia foi a Estremoz a incorporar-se cõ o exercito em dezasete de junho; sahio a campanha indo a V.<sup>a</sup> Viçosa buscar o inimigo q.<sup>e</sup> estava sobre a praça E no mesmo dia nos veio representar batalha nos Campos de Mõtes Claros, ondê se travou a pelleja de p.<sup>te</sup> a p.<sup>te</sup> q.<sup>e</sup> durou passante de seis horas até q.<sup>e</sup> de todo ficou derotado com m.<sup>tos</sup> mortos, feridos e prisioneiros, deixando na campanha toda a artilharia, bagagens e mais petrechos de guerra, na qual tocou ao meu terso marchar da vanguarda cõ a cavallaria; nesta ocazião me acompanhou Gaspar Pinto, soldado da minha comp.<sup>a</sup>, procedendo

sempre cõ gr.<sup>de</sup> satisfação e cõ a mesma se houve nas faxinas e tudo o mais q.<sup>e</sup> se ofereceu, mostrãdo-se sempre cõ gr.<sup>de</sup> valor e zello do real serv.<sup>o</sup> Pello q.<sup>e</sup> he benemerito de toda a honra e mercê q.<sup>e</sup> S. M. for servido fazer-lhe. O que juro aos s.<sup>tos</sup> Evangelhos pasar tudo na verdade E por me pedir a pres.<sup>te</sup> lha madei pasar a qual asinei e sellei cõ o sinete das minhas armas. Lx.<sup>a</sup> Dez de Outubro de 1665 (a) Mathias da Cunha. — Manuel do Porto Morato.

## DOCUMENTO II

1671

M.<sup>el</sup> do Porto Morato, Martins Camacho da Rocha, caval.<sup>os</sup> profesos da Ordê de Xpo. Capitães de Infantaria do regim.<sup>to</sup> de S. A. de q.<sup>e</sup> he tenête coronel o Conde de S. Vic.<sup>te</sup> Miguel Carlos de Tavora, etc.

Certifico q.<sup>e</sup> sahindo armada desta cid.<sup>e</sup> de Lisboa a corer a costa em vinte e dous de julho de mil e seiscentos e setenta e um, á ordê do tenente coronel Miguel Carlos de Tavora, me embarquei com a minha comp.<sup>a</sup> de guarnição na fragata Rainha P.<sup>a</sup> de que hera capitão de mar e guerra D. Rodrigo da Costa, huã das darmada real de q.<sup>e</sup> he gen.<sup>al</sup> o Visconde da Fonte Arcada Pedro Jacques de Magalhães. E continuando esta aução demos caça a todo o Navio q.<sup>e</sup> avistamos athé o Reconhecermos athé que o g.<sup>al</sup> ordenou nos recolhesemos a esta Barra, em vinte de outubro do d.<sup>o</sup> anno, Recolhendo pr.<sup>o</sup> a frota nesta ocazião me acompanhou Gaspar Pinto, soldado da minha comp.<sup>a</sup> entrando e sahindo de guarda, e fazendo em tudo o mais sua obrigação como honrado soldado pello q.<sup>e</sup> he meredor de toda a honra e mercê q.<sup>e</sup> Sua Alteza for servido fazer-lhe. Passa o referido na verdade pello Juram.<sup>to</sup> dos Santos Evangelhos E. por me pedir prez.<sup>te</sup> lha mandei pasar a qual asinei e sellei cõ o signette de minhas armas. Lx.<sup>a</sup> dez de novembro de 1671 annos. (a) Manoel do Porto Morato.

## DOCUMENTO III

1673

Manoel de Abreu de Lima, caval.<sup>o</sup> profeso da hordê de Xpo. cap.<sup>am</sup> de Infantaria do Regim.<sup>to</sup> de S. A. de q.<sup>e</sup> he tenente coronel o Conde de São Vic.<sup>te</sup> Miguel Carlos de Tavora, etc.

Certifico q.<sup>e</sup> embarcando cõ a minha comp.<sup>a</sup> de guarnição em dezanove de junho de seiscentos e setenta e tres em a fragata Santa M.<sup>a</sup> de Saboia, de q.<sup>e</sup> hera capp.<sup>am</sup> de mar e guerra Henrique Jacques de Mag.<sup>es</sup> a correr a costa por hordê do g.<sup>al</sup> da armada P.<sup>o</sup> Jacques de Mag.<sup>es</sup> Visconde de Fonte Arcada, e hir ás Ilhas a comboiar huã naveta q.<sup>e</sup> da India se esperava nesta ocazião, se embarcou em a d.<sup>a</sup> fragata Gp.<sup>ar</sup> Pinto soldado da comp.<sup>a</sup> do capp.<sup>am</sup> Manoel do Porto Morato q.<sup>e</sup> foi *de ramo* (sic) agregado á comp.<sup>a</sup> do capp.<sup>am</sup> Gaspar Paiam O qual fez intr.<sup>a</sup> mente sua obrigação asim nas guardas como em tudo o mais, tanto na costa como na viagê q.<sup>e</sup> fizemos ás ilhas onde viemos comboiando a naveta *O bom Jesus da Trindade*, e outros navios mais que em sua comp.<sup>a</sup> vierão da Bahia e metendo-os tcdos dentro desta Barra demos fundo em Cascaes, donde por hordê do d.<sup>o</sup> g.<sup>al</sup> fômos p.<sup>a</sup> a Costa do Algarve onde andamos dando caça a todo o navio de Turcos corendo-os m.<sup>tas</sup> vezes e pellejando cõ elles de q.<sup>e</sup> receberão g.<sup>de</sup> danno, por espacio de tres horas q.<sup>e</sup> pellejamos cõ g.<sup>de</sup> reputação de nosas armas e vindo ancorar a Belem sahimos cõ o g.<sup>al</sup> na volta das ilhas dando-nos hũ temporal aribamos cõ g.<sup>de</sup> trabalho e destroso da fragata a esta cid.<sup>e</sup> e preparando-nos seg.<sup>da</sup> vez tornamos a intentar a d.<sup>a</sup> viagê e tornando-nos a caregar o tempo, milagrozamente nos recolhemos em seis de Dezembro; e em todas estas viagens se houve o d.<sup>o</sup> Gp.<sup>ar</sup> Pinto q.<sup>e</sup> cõ gr.<sup>de</sup> valor assistido a tudo cõ m.<sup>ta</sup> vigilancia e cuidado pello q.<sup>e</sup> he merecedor de toda a honra e m.<sup>cc</sup> q.<sup>e</sup> S. A. fôr servido fazer-lhe. Paso o referido na verd.<sup>de</sup> pello juram.<sup>to</sup> dos S.<sup>tos</sup> Evãgelhos e por o d.<sup>o</sup> capp.<sup>am</sup> Gp.<sup>ar</sup> Paiam a q.<sup>em</sup> hia agregado estar auz.<sup>te</sup> nas partes da India, me pediu lho mandase pasar esta a qual pasei em q.<sup>e</sup> me asinei e selei cõ o signete de minhas armas. Lx.<sup>a</sup> 22 de dezembro de 1673. (a) Henrique Jacques de Mag.<sup>es</sup> — M.<sup>el</sup> de Abreu de Lima (selo em obreia).

## DOCUMENTO IV

1675

M.<sup>el</sup> do Porto Morato e Fran.<sup>co</sup> Soares de Bulhoens cavalr.<sup>os</sup> profesor da ordê de Xpo. E capitães de Infantaria do Regimento de S. A. de que he ten.<sup>te</sup> coronel o Conde de São Vic.<sup>te</sup> Miguel Carlos de Tavora, etc.

Certifico q.<sup>e</sup> embarcando-me de guarnição na fragata *M.<sup>e</sup> de Deus* em 5 de abril de mil seicentos e setenta e cinco sahio a cargo do sarg.<sup>to</sup> major Francisquo Pereira da Fonseca a comboiar o galliam *São Pedro de Rates* q.<sup>e</sup> hia p.<sup>a</sup> a India cincoenta leguas, ao sueste da ilha da Madeira e deixando nella o bispo e hindo na volta de Anias (sic) de Galliza buscar hum navio do Brazil q.<sup>e</sup> nellas estava topando em vinte e tres de mayo cõ hum navio de Turquos de Argel de lotte, pellejando cõ elle pasante de tres horas cõ cargas de artelharía e mosqueteria athé q.<sup>e</sup> se pôs em retirada e seguindo-se athé dezaparecer; nesta ocazião me acõpanhou Gaspar Pinto soldado da minha companhia avendo-se com grande zello. Pello q.<sup>e</sup> he merecedor de todaa m.<sup>cc</sup> que Sua Alteza for servido fazer-lhe. Passa o referido na verdade pello juram.<sup>to</sup> dos S.<sup>tos</sup> Evangelhos. E por ser pedida a prez.<sup>te</sup> lha pasei sellada cõ o signette de minhas Armas Lx.<sup>a</sup> oje 17 de Novembro de 1675.  
(a) Manuel do Porto Morato.

## DOCUMENTO V

1674

M.<sup>el</sup> do Porto Morato, cavalr.<sup>o</sup> profeso da ordê de Xpo. capp.<sup>am</sup> de huã comp.<sup>a</sup> do Terço d'armada, de q.<sup>e</sup> he tenente coronel o Conde de São V.<sup>te</sup> Miguel Carlos de Tavora, etc.

Certifico q.<sup>e</sup> na armada q.<sup>e</sup> este anno de seiscentos e setenta e quatro sahio a correr a costa á ordem do visconde g.<sup>al</sup> Pedro Jacques de Magalhães me embarquei com a minha companhia de guarnição na fragata *Santa Maria de Saboia* de que hera capitam de mar e guerra Henriques Jacques de Magalhães, em 18 de junho e sahindo pella Barra fôra em vinte e tres do ditto anno com-

boyamos duas charuas á pedrineira e voltando a este porto em julho do dito anno fizemos logo viagem em direitura á ilha Terceira, a buscar a pessoa de sua mag.<sup>de</sup> onde estive dez dias com a minha comp.<sup>a</sup> em terra, e tornando a esta barra nos fins de setembro demos fundo na enseada de São Joseph, onde desembarcou o ditto sñr., e tomando mantimen.<sup>tos</sup> tornamos a sahir em dous de outubro a correr a costa e comboiar alguns navios, dando caça aos que encontramos de mouros, athé trinta do dito mez, que fômos em direitura arias de galiza, a buscar hũ navio q.<sup>e</sup> tinha vindo do Brasil com hum aviso e com elle nos recolhemos a este porto, em dezoito de novembro do dito anno. Em todo este tempo me acompanhou sempre Gaspar Pinto soldado da minha comp.<sup>a</sup>, procedendo em tudo como honrado soldado. Pello q.<sup>e</sup> he merecedor de toda a honra e m.<sup>ç</sup> q.<sup>e</sup> S. A. fôr servido fazer-lhe. Pasa o referido na verd.<sup>e</sup> pello juram.<sup>to</sup> dos S.<sup>tos</sup> evangelhos. E por me pedir aprez.<sup>te</sup> lha mandei passar a qual asiney e sellei com o signette de minhas armas. Lx. vinte e oito de março de 1676 annos. (aa) Henrique Jacques de Magalhães. — Manoel do Porto Morato.

VICTOR RIBEIRO.

(Continua).

## ACTA N.º 52

Sessão de Assembleia Geral de 7 de Novembro de 1910.

Presidencia, o Secretario — Mattos Sequeira.

Secretarios — Adães Bermudes e Jesuino Ganhado.

Foi aberta a sessão ás 9 horas e 10 minutos da noite, estando presentes, além da mesa, os dignos socios D. José Pessanha, Rocha Dias, Nogueira de Brito, Victor Ribeiro, Julio A. Ferreira, José Queiroz, Luiz Bettencourt, Soares O' Sulivand, Ferreira Braga, Ornellas Cisneiros, Jacintho Bettencourt e Rodrigues Fernandes, e sendo lida e aprovada a acta da sessão anterior, passou-se á leitura do expediente que constou dos documentos seguintes :

1.º — Officio de agradecimento do sr. Luciano Freire, pelo voto de louvor exarado na acta de uma das passadas sessões.

2.º — Officio de agradecimento do sr. Joaquim Moreira Fontes, por identico voto, pela descoberta por elle feita de uma estação paleolithica no Casal do Monte.

3.º — Officio da Sociedade Central de Architectura Belga, enviando o programma das festas, realisadas em Bruxellas, em setembro deste anno.

4.º — Uma carta do sr. Presidente, participando a sua falta á sessão e enviando conjuntamente um officio do nosso consocio Silva Leal pedindo a sua demissão de membro da direcção desta colectividade.

5.º — Uma carta do sr. Ernesto da Silva, justificando a sua falta por motivo de doença.

6.º — Identica carta do sr. Visconde da Torre da Murta.

7.º — Uma carta da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Jacintha de Azevedo Coutinho Brandão, agradecendo o voto de sentimento exarado na acta da ultima sessão, pelo falecimento de seu marido.

Finda a leitura do expediente, e depois de alguma discussão, a assembleia resolveu por proposta do sr. D. José Pessanha, fazer-se nova eleição dos logares vagos na direcção, pela sahida dos srs. Victor Ribeiro e Silva Leal, fazendo-se entretanto toda a diligencia para que os membros demissionarios desistissem do seu intento.

Seguidamente resolveu tambem a Assembleia ir cumprimentar o Governo provisorio da Republica, apresentando-lhe uma mensagem, da qual o sr. V. Ribeiro leu um rascunho que foi approved com pequenas alterações, e que deverá depois ser publicado no Boletim, alvitrando ainda este nosso consocio que se convidasse para a presidencia honoraria da Associação, o presidente do Governo, já pela sua situação official, já pelos seus provados meritos de investigador e de historiador. Depois de alguma discussão ficou assente que o sr. Presidente marcasse o dia para a recepção, avisando-se para tal fim todos os socios residentes em Lisboa.

Seguidamente pede a palavra o sr. Ganhado, que fala sobre a constante alteração dos nomes das ruas, e em outros vandalismos que se estão perpetrando; no que é secundado pelo sr. Bettencourt, que cita entre outros, o facto de ultimamente se ter picado o brazão de armas da Camara Municipal de Cascaes.

Em seguida o sr. Adães Bermudes faz uma interessante communicação á Assembleia, sobre uma construcção muito curiosa que se encontra perto de Belmonte, e a qual supõe do periodo romano, apresentando della uma reproducção photographica inserta numa revista ilustrada, onde o articulista discorda da origem romana daquelle monumento, razões estas que o levam a propôr seja tal assumpto remetido á secção de archeologia a fim desta dar o seu parecer. A torre alludida é conhecida pela designação de *Castrum coellas* ou *Castrum coelli*.

A Assembleia resolveu que se enviasse o assumpto áquella secção.

Pede depois a palavra o sr. José Queiroz que se refere ao estado em que se encontra o Chafariz de El-rei, propondo se officie á Camara para providenciar com referencia aos estragos ali produzidos pelo funcionamento de uma officina que utiliza a janella gradeada que sobre ella fica. Foi approveda a proposta.

Seguidamente foi lançado na acta um voto de sentimento pela

morte do sr. Conde de Valenças, e sendo 11 horas e um quarto da noite foi encerrada a sessão.

O Secretario,

GUSTAVO DE MATTOS SEQUEIRA.

#### APPENSO À ACTA N.º 52

Ex.<sup>mo</sup> Senhor. — Esta *Associação dos Archeologos Portuguezes*, que, desde 1863, se tem dedicado a propugnar com patriotico desvelo a causa da protecção e conservação dos monumentos nacionaes e de todos os elementos que possam servir ao estudo da Archeologia, como subsidios valiosos para a historia; que tem contado no numero de seus socios muitos dos mais illustres homens de sciencia do nosso paiz e do estrangeiro, aggremiados em nome deste ideal de estudos, iniciado pelo fundador da Associação, o benemerito Possidonio da Silva, e registado nos seus annaes alguns serviços relevantes, como a conservação das ruinas historicas do Carmo, memorias venerandas do grande Condestabre, a fundação do primeiro museu nacional de Archeologia, a publicação de seu Boletim e tantos outros incitamentos, lembranças, propostas e propagandas, vem, neste momento solemne da vida historica da Patria Portugueza, saudar em V. Excellencia, Senhor Presidente, as Novas Instituições. Cumprido este dever, não póde esta *Associação dos Archeologos Portuguezes* deixar de igualmente manifestar quanto lhe é grato saudar tambem a V. Excellencia, por vêr elevado ao mais alto cargo da magistratura da nação o homem de letras, o sapiente, erudito e eminente historiador, cuja obra litteraria, representa perduravel monumento de gloria, para quantos se interessam pelas letras e pelas sciencias philosophicas e sociaes da nossa terra. Por isso, a *Associação dos Archeologos Portuguezes*, dirigindo esta mensagem de congratulação ao Governo provisorio da Republica Portugueza, vem, ainda no cumprimento do seu patriotico Estatuto, pedir a V. Excellencia e aos esclarecidos e illustres membros do Governo Provisorio se dignem cuidar attentamente nas providencias energicas

tendentes a garantir e conservar indemnes, integrando-as, ou reintegrando-as nos Museus Nacionaes, todas as preciosidades artisticas e archeologicas reunidas nas valiosas collecções dos palacios occupados pelo antigo chefe do Estado e todas e quaesquer outras, que, embora relacionadas com pessoas e factos que o novo regimen repudia, devem, comtudo, conservar-se com desvelo, como documentação preciosa para a historia do nosso paiz. Esta Associação muito confiadamente espera do alto criterio e patriotico zêlo do Governo que V. Excellencia tão sabiamente preside, continuar a merecer, dos poderes publicos da Nação, o reconhecimento dos serviços que desinteressadamente se empenha por prestar ao paiz, e a protecção de que carece, e até hoje tem obtido, para levar a effeito, quanto em suas forças caiba, os benemeritos fins dos seus Estatutos, que esperamos, merecerão de V. Excellencia, que bem os conhece, a sua esclarecida approvação. Terminando, esta Associação, de envolta com a saudação que neste momento dirige ao Governo da Republica Portugueza, protesta continuar a envidar todos os esforços individuaes dos seus consocios e collectivos da corporação scientifica, a bem dos interesses dos estudos archeologicos e historicos, obedecendo, como até aqui aos dictames do mais puro e acrisolado amôr da Patria.

Pela sua parte, esta Associação protesta pôr incondicionalmente ao serviço da Nação e do Governo a que V. Excellencia preside, os seus serviços de cooperação patriotica, como estação consultiva, na especialidade do seu campo de acção scientifica e social, como até hoje o tem feito sempre, em harmonia com os fins que os seus Estatutos, nos artigos 3.º e 4.º, prescrevem, mórmente no que toca á propaganda em favor da conservação e estudo dos monumentos e reliquias historicas e artisticas da nossa Patria.

Digne-se V. Excellencia, Senhor Presidente, apresentar ao Governo esta nossa mensagem de saudação e influir com a sua auctoridade no deferimento dos pedidos que, em nome dos estudos scientificos, que temos a honra de muito modestamente representar, juntamente fazemos subir á presença de V. Excellencia e do Governo.

Lisboa — Novembro de 1910.

## ACTA N.º 53

Sessão de Assembleia Geral de 30 de novembro de 1910.

Presidente — O sr. Conselheiro Adolpho Loureiro.

Secretarios — G. de Mattos Sequeira.

» — João Rodrigues Fernandes.

Foi aberta a sessão ás 8 horas e vinte minutos da noite, estando presentes, além da mesa, os dignos socios srs. Julio Ferreira, Nogueira de Brito, Luiz Bettencourt, D. José Pessanha, Jacintho Bettencourt, Ferreira Braga e José Queiroz e sendo lida e aprovada a acta passou-se á leitura do expediente que constou dos seguintes documentos :

1.<sup>a</sup> — Carta do digno socio sr. Rocha Dias justificando a sua falta, por doença.

2.<sup>a</sup> — Carta do sr. Conde de Sabugosa pedindo a sua demissão de socio desta colectividade.

Seguidamente o sr. Presidente communica á Assembleia ter ido com grande numero de socios cumprimentar o governo provisorio da Republica na pessoa do seu presidente, o sr. Theophilo Braga, que amavelmente recebeu a commissão, pronunciando algumas palayras que muito os honraram e penhoraram, agradecendo a mensagem que sua Ex.<sup>a</sup> leu. promettendo interessar-se sempre pelas nossas pretensões.

Declara ainda o sr. presidente, propor á assembleia que se exare na acta da sessão um voto de congratulação pela recente lei prohibitiva da exportação dos objectos de arte, que veiu preencher uma grande lacuna, e satisfazer nesse ponto as aspirações que esta e outras associações como a Academia das Bellas Artes, tinham ha muito. — Esta proposta é aprovada por unanimidade.

A assembleia congratula-se tambem, pelo desejado começo das obras de consolidação das ruinas do museu, para o que muito concorreram os bons officios do seu presidente e seguidamente a mesma assembleia apreciando o pedido de demissão feito pelo sr. Conde de Sabugosa, presidente da direcção, como dos nossos mais illustres consocios, resolve aceder a esse pedido, sentindo

verdadeiramente a ausencia de tão prestimoso membro desta colectividade.

Antes da ordem da noite trocam-se ainda algumas impressões ácerca do pelourinho de Villa Velha de Rodam, que o governo determinou fosse collocado no logar d'onde tinha sido apeado, e pede ainda a palavra o sr. Ferreira Braga, que agradece a honra de ter sido eleito socio, aproveitando a occasião para offerer á Associação, duas monographias sobre numismatica, uma sobre o «Real preto» e outra sobre o «Ceitel de cobre». O sr. Presidente agradece a oferta e declara ao sr. Ferreira Braga, que a Associação é que tem de se felicitar por contar entre os seus associados, pessoa tão ilustrada e distincta.

Passa-se depois á ordem da noite, e procede-se á eleição do secretario e vogal da direcção, logares vagos pela saída dos srs. Victor Ribeiro e Silva Leal.

Feito o apuramento viu-se o seguinte resultado:

Para secretario: Julio Augusto Ferreira, 9 votos. — Mêna Junior, 1 voto.

Para vogal: Mêna Junior, 9 votos. — Luiz Bettencourt, 1 voto.

Ficando pois eleitos para secretario o sr. Julio Augusto Ferreira e para vogal o sr. Mêna Junior.

Não havendo mais assumptos a tratar, foi encerrada a sessão eram 9 horas e 20 minutos da noite.

O Secretario

GUSTAVO DE MATTOS SEQUEIRA.

---

ACTA N.º 54

Sessão de Assembleia Geral de 30 de Dezembro de 1910.

Presidente — Rosendo Carvalheira.

Secretarios — Mattos Sequeira e Rodrigues Fernandes.

Foi aberta a sessão ás 9 e cinco da noite, estando presentes, além da mesa, os dignos socios srs. Luiz Bettencourt, Ornellas

Cisneiros, D. José Pessanha, Nogueira de Brito, Jacintho Bettencourt, Dr. Alvaro de Azeredo, Jesuino Ganhado, Mêna Junior, José Alexandre Soares, Julio Ferreira e Soares O' Sulivand, e depois de lida e aprovada a acta passou-se á leitura do expediente, que constou dos documentos seguintes:

1.º — Officio da Sociedade dos Arquitetos Portuguezes enviando a esta Associação a comunicação que lhe fôra dirigida do fallecimento de Mr. Leliman, nosso consocio.

2.º — Officio da Sociedade de Geografia enviado á direcção desta colectividade, acedendo ao pedido desta, para a cedencia da sua sala «Portugal», a fim de nella realizar uma conferencia sobre as «côres nacionaes e sua historia», pelo nosso consocio sr. Santos Ferreira.

Como Sua Ex.<sup>a</sup> o sr. Presidente marque, com o assentimento da assembleia, o prazo maximo de 20 minutos para a discussão de qualquer assumpto urgente antes da ordem da noite, alterada pelo infausto acontecimento da morte do Dr. Sousa Viterbo, entra em discussão este documento, falando sobre tal assumpto o sr. Presidente, D. José Pessanha e Jacintho Bettencourt, em vista da annunciada conferencia se ter de realizar no dia seguinte. Depois dessa permutação de impressões ácerca da sumula do officio da Sociedade de Geografia e dos termos em que está redigido, tornando bem clara e patente a intenção de só facultar a sua sala, áquelle nosso consocio, na qualidade de membro da Sociedade de Geografia, mas atendendo á dificuldade de outro procedimento a haver, que não seja o aceitar-se o oferecimento, em vista do lapso havido na entrega daquelle officio, a assembleia deu por terminado o incidente.

Seguidamente fala o sr. D. José Pessanha, chamando a atenção da assembleia para outro assumpto que tambem considera urgente, qual seja o da ampliação ou substituição do orçamento actual das obras que se estão executando no museu, pela razão de não caber na limitada quantia fixada outras obras que lhe parecem indispensaveis como as do exame ás abobadas das capellas lateraes, como o julgou o sr. Gaia, director dos actuaes trabalhos. Sua Ex.<sup>a</sup> communicando á assembleia o facto de, ha dias, se ter desprendido de uma das abobadas um pedaço de pedra que inutilisou um mostruario, justifica ainda mais a urgencia

dessas obras, sendo certo tambem que em algumas das salas chove frequentemente, em vista, ao que parece, de ser acessivel pelo quartel do Carmo, parte dos terraços, tornando-se a frequente passagem sobre estes, motivo da penetração das aguas da chuva, pela lenta destruição do betume das juntas das lages do seu pavimento. Sua Ex.<sup>a</sup> refere-se tambem á necessidade da construcção de um telheiro ou «marquise» que proteja da acção destruidora da chuva o tumulo de D. Fernando, e da urgencia, que a integridade das ruinas requer, na extracção dos grampos dos fios telefonicos, que colocados sem criterio, a prejudicam pela constante vibração desses fios. E como Sua Ex.<sup>a</sup> entende, acompanhado do assentimento tacito da assembleia que são inadiveis taes obras, lembra por isso, como disse, o augmento ou substituição do actual orçamento.

O signatario desta, usando da palavra, declara que sua Ex.<sup>a</sup> o sr. conselheiro Loureiro, já por varias vezes procurára o actual director dos correios, a fim de conseguir de Sua Ex.<sup>a</sup>, como já conseguira do seu antecessor, a ordem para que os grampos e ligações fossem tirados das abobadas e dos arcos das ruinas, nada tendo conseguido por não ter podido encontrar aquelle funcionario.

O sr. Presidente, Carvalheira, achando justissimas as pretensões do sr. Pessanha, declara que devemos aproveitar as boas intenções do Presidente do Governo provisório, e que acha excellente occasião de tratarmos desses assumptos para os quaes o nosso presidente empregará os costumados esforços. O sr. conselheiro Loureiro, por estar de cama não pode hoje comparecer e por isso faz, com toda a assembleia, os mais sinceros votos pelas suas melhoras. Como disse ao encetar esta sessão, por motivos de ordem superior não pudemos realisar a eleição annunciada nos convites, pois nem se ultimaram os trabalhos da mesa para esse fim, nem mesmo que se ultimassem o deveriamos fazer. Outro assumpto veio infelizmente sobrepôr-se a esses e a elle devemos dar toda a primasia que requer, qual seja o do falecimento do insigne e chorado Sousa Viterbo, que hoje mesmo fomos acompanhar á derradeira morada.

Sua Ex.<sup>a</sup> pede depois licença á assembleia para antes de entrar nessa commemoração que deseja, para finalizar a nossa sessão,

commemorar tambem dois passamentos que nos magoaram verdadeiramente; um, o do sr. Simão Infante de Sequeira, filho do nosso devotado consocio sr. Visconde da Torre da Murta, a quem tanto devemos associativamente; outro, o da sr.<sup>a</sup> marquiza de Sabugosa, mãe do nosso ex-consocio sr. conde de Sabugosa, ha pouco sahido desta colectividade, não por medida especial, mas sim como medida geral applicada a todas as colectividades a que pertencia. Ambos esses falecimentos foram para nós uma desagradavel surpresa e por isso Sua Ex.<sup>a</sup> propõe se lancem na acta dois votos de sentimento, os quaes como de costume deverão ser communicados ás respectivas familias. A assembleia aprova-os unanimemente

Seguidamente Sua Ex.<sup>a</sup> o sr. Carvalheira declara ir entrar no assumpto, sobre todos mais cruel e mais penoso; a morte do dr. Sousa Viterbo, perda irreparavel para as letras patrias, para o paiz e para todos que o conheceram. Apezar da sua doença, ninguem esperava tão cedo esse desenlace, porque a sua vivacidade de espirito não deixava crer que tão cedo se apagasse de uma maneira tão cruel e brusca. A sua commemoração hade ser por nós feita de um modo condigno d'elle, mas o que não impede que neste momento deixemos espontaneamente ao nosso espirito o desafogo da nossa saudade, acentuando o altissimo valor dessa individualidade. O seu espantoso poder de assimilação conglobára naquelle cerebro tão grande copia de conhecimentos, que a intelligencia soberana valorisava, que hoje mesmo, sem já de ha muito poder compulsar os documentos, em cuja consulta despendeu saude e tempo, em toda a sua vida, ainda produzia com uma fecundidade admiravel, brilhantes estudos de investigação historica. Foram excepçionaes os seus dotes de trabalhador incançavel, excepcional foi tambem a sua probidade de historiador. Era um erudito e um communicativo que se aprazia em conviver e em fazer irradiar pelo seu conselho, pela sua simples conversa a sua extraordinaria soma de conhecimentos. Durante muito tempo Sousa Viterbo frequentou assiduamente esta associação, tomou parte activa nas sessões e as suas informações preciosas muita vez nos orientaram, e ella mesma, mais tarde, pode felizmente demonstrar-lhe, na concessão de uma medalha honorifica, que nunca foi mais justa, o muito que lhe devia e o muito que se honrava

em o contar no numero dos seus socios. Sousa Viterbo teve a orientação suprema de tudo o que era tradições, deixou-as radicadas, chamou-as á evidencia e fê-las reviver. Como propagador e como investigador, deve o paiz inteiro prantear a sua perda, como uma gloria nacional.

Devemos, termina Sua Ex.<sup>a</sup>, commemorar tão insigne espirito e glorifica-lo o melhor que pudermos e soubermos, porque estas minhas palavras não representam senão a expressão do sentimento que o seu falecimento me causou.

Seguidamente é dada a palavra ao sr. D. José Pessanha, que como presidente da Direcção, declara associar-se de todo o coração ás palavras que o sr. Presidente acaba de pronunciar, traçando o perfil de Sousa Viterbo como historiaçador, como archeologo e como portuguez. Declara Sua Ex.<sup>a</sup> ir frisar apenas um ponto. Leu ha annos em uma obra do nosso illustre consocio Joaquim de Vasconcellos (outro erudito) que a historia da arte em Portugal emquanto um corpo de paleografos não procurasse nos arquivos e não publicasse os innumerados documentos que lá decerto jaziam esquecidos, não se podia fazer conscienciosamente. Tal obra realisou-a sósinho, Sousa Viterbo, tão debil e valetudinario como era, com uma perseverança espantosa e com admiravel desinteresse, fazendo o assombro de todos esse labor incessante. A perda de Sousa Viterbo para a nossa Associação que tem como efectivos e principaes os estudos a que elle especialmente se consagrava, não pôde ser sómente commemorada pelo voto de sentimento; havemos de faze-la dum modo mais solemne. Sua Ex.<sup>a</sup> declarando não ter pensado ainda, senão no instante em que fala nessa commemoração, afigura-se-lhe que deveriamos fazer o seu elogio historico, numa sessão especial, feito por um dos nossos consocios que conviveram mais com o finado, como por exemplo o sr. Mêna Junior ou Victor Ribeiro, e publicar tambem um numero especial, commemorativo, do nosso Boletim. — Declara Sua Ex.<sup>a</sup>, associar-se tambem aos votos exarados na acta pelos falecimentos, do filho do sr. visconde da Torre da Murta, nosso antigo bibliothecario e que tantas provas de affecto e de interesse pela Associação tem demonstrado, e da sr.<sup>a</sup> marqueza de Sabugosa, mãe do sr. Conde do mesmo titulo, nosso antigo socio a quem tambem muito devemos nos esforços constantes para que esta as-

sociação se mantivesse sempre á altura a que deve manter-se. A essas duas dôres nos associamos e Sua Ex.<sup>a</sup> em nome da Direcção e pessoalmente associa-se a ellas.

Seguidamente o sr. Presidente declara ir encerrar-se a sessão com uma chave de ouro, mas envolvida em crêpes. Declara aceitar pessoalmente os alvitres do orador precedente e ir pô-las á discussão da assembleia. Ao successo nada banal deve corresponder tambem uma commemoração pouco banal. Tem ella de ser feita fraternalmente, como por irmãos que commungam no mesmo credo, e patrioticamente porque Sousa Viterbo, em notas eruditas e brilhantes, mostrou ao presente, que a patria cujas tradições authenticou, tem razão de existir. Isto que significa gratidão e admiração justissima deve fazer-se. E' uma obrigação moral e social. A assembleia irá agora deliberar sobre ella.

O sr. dr. Alvaro de Azeredo, pedindo a palavra, propõe que seja nomeada uma comissão para elaborar o programma commemorativo e que essa comissão se componha da mesa, do presidente da direcção e dos srs. Victor Ribeiro e Mêna Junior, proposta esta que a assembleia aprova unanimemente e em seguida em signal de sentimento, é levantada e encerrada a sessão ás 11 horas da noite.

O Secretario,

GUSTAVO DE MATTOS SEQUEIRA.

Publicações entradas na Bibliotheca da Associação dos Archeologos Portuguezes desde 1 de Outubro a 31 de Dezembro de 1910 que se agradecem com o devido reconhecimento

- 1 Academia das Sciencias de Lisboa—Boletim da segunda classe—Actas e pareceres, estudos, documentos e noticias—Vol. III—Fasciculo n.º 4—Abril 1910—Lisboa—Por ordem e na Typographia da Academia—1910—1 vol. ill. e br.—23×15. Offerta da Academia.
- 2 Academia das Sciencias de Lisboa—Boletim da segunda classe—Actas e pareceres, estudos, documentos e noticias Vol. III—Fasciculos n.º 5 e 6—Maio a Agosto de 1910—Lisboa—Por ordem e na Typ. da Academia—1910—2 folh.—23×15. Offerta da Academia.

- 3 Académie des Inscriptions et Belles Lettres—Comptes rendus des Séances de l'année 1910—Bulletin d'Aout-Septembre, Octobre—Paris—Alphonse Picard et Fils—1910—2 tomos ill.—231×144. Offerta da Academia.
- 4 Anuario da Escola Medico-Cirurgica do Porto—Coordenado sob a direcção do Prof. Thiago d'Almeida—Anno lectivo de 1909-1910—Porto—Typ. da Ency.<sup>a</sup> P. Illustrada—1910—1 vol. br., ill. com o retrato do Dr. Illidio do Valle.—236×160. Offerta da Escola.
- 5 Annuary of the American Institute of Architects for 1910—New-York—1909—1 vol. br.—23,×17. Da commissão de trocas
- 6 Archivo Bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra—Director Mendes dos Remedios—Vol. X—N.<sup>os</sup> 10 e 11—Outubro e Novembro de 1910—Coimbra—Imp. da Universidade—1910—29×21. Offerta do Sr. Director da Bibliotheca.
- 7 Archivo Historico Portuguez—Vol. VIII—N.<sup>os</sup> 5, 6 e 7—Maio a Julho de 1910—89 a 91—Lisboa—Off. typ.—Calçada do Cabra—1910—1 vol. br.—29×20,5. Offerta do Sr. Anselmo Braamcamp Freire.
- 8 Archivio Storico Siciliano—Publicazione periodica della Società Siciliana per la Storia Patria—Nuova serie—Anno XXXIV—Palermo—Scuola Tip. Boccone del Povero.—1910—1 vol. br.—27,5×19. Offerta da Sociedade.
- 9 Arte—Archivo de obras d'Arte—Director Marques Abreu—6.<sup>o</sup> anno—N.<sup>os</sup> 70 a 72—Outubro a Dezembro de 1910—Porto—Typ. Universal—1910—33×25,5. Offerta do Sr. Marques Abreu.
- 10 Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionaes—N.<sup>o</sup> 2—7.<sup>o</sup> anno—Abril a Junho—N.<sup>o</sup> 3—Julho a Setembro de 1908—Coimbra—Imp. da Universidade—1908-1909—1 vol. br. e 1 folh.—22,5×16,5. Offerta da Bibliotheca.
- 11 Boletín del Centro Excursionista de Samora—Director D. Rafael Gras—Año I—N.<sup>o</sup> I—Diciembre 1910—Samora—Imp. de H. de Rodrigues—1910—1 folh. ill.—24,5×17. Offerta do Centro.
- 12 Bulletin Mensuel de la Société Centrale d'Architecture de Belgique—Louvain—Imprimerie Ickx—N.<sup>os</sup> 9, Septembre, 10, Octobre 1910—24,5×16,5. Offerta da Sociedade.
- 13 Boletim da Sociedade Litteraria Almeida Garrett—Publicação illustrada—Director Alberto Bessa—8.<sup>o</sup> anno—N.<sup>o</sup> 10—Porto—Typ. Teixeira Succ.<sup>a</sup>—1910—1 folh. ill.—27,5×19. Offerta da Sociedade.
- 14 Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa—Typ. Universal—1910—N.<sup>os</sup> 6, 7 e 8 da 28.<sup>a</sup> serie—25×16. Offerta da Sociedade.
- 15 Boletim do Trabalho Industrial—N.<sup>o</sup> 33—Desastres registados durante o decurso do anno civil de 1907—publicados pela Repartição do Trabalho Industrial—N.<sup>o</sup> 36—Tribunaes de Arbitros Avindores de Portugal—Relatorios e estatisticas do movimento das causas—Lisboa—Imp. Nacional—1909-1910—2 folh.—25×16. Offerta da Direcção Geral do Commercio e Industria.
- 16 Boletín de la Real Academia de Buenas Letras de Barcelona—Abril a Junio—Julio a Septiembre de 1910—Año X—N.<sup>os</sup> 38 e 39—Año Academico CLXXXII—Barcelona—Imprenta de la Casa Provincial de Caridad—1910—2 folh.—26,5×98. Offerta da Academia.
- 17 Bulletin Historique de la Diocèse de Lyon—Organe de la Société Gerson—Directeur M. l'Abbé J. B. Vand—11.<sup>e</sup> année—N.<sup>o</sup> 15—Septembre, Octobre—N.<sup>o</sup> 66—Novembre, Decembre 1910—Lyon—Imprimerie Emanuel Vitte—1910—2 folh.—22,5×14. Offerta da Sociedade Gerson.
- 18 Camara Municipal do Concelho de Villa Nova de Gaya—Breves apontamentos estatisticos dos Serviços Municipaes no anno de 1909—IV—Gaya—Typ. de Francisco Martins Barbosa—1910—1 vol. br. ill.—222×150. Offerta da Camara.
- 19 Cantos populares portugueses—recolhidos da tradição oral e coordenados por A. Thomaz Pires—Vol. III—Elvas—Typ. Progresso—1909—1 vol. br.—17,5×11,5. Offerta do Auctor.
- 20 Ecole Spéciale d'Architecture—Année 1910-1911—Séance d'ouverture du 15 Octobre 1910—Paris—Imprimerie Lahure—1910—1 folh. ill.—22×14. Offerta da Escola.

- 21 Historia da Misericordia de Gôa—(1520-1620)—por José F. Ferreira Martins—Publicação destinada pela Santa Casa a commemorar o 4.º centenario da reconquista, como preito á memoria do inclyto capitão Affonso Albuquerque, instituidor da sua Irmandade—Vol. I—Nova Gôa—Imp. Nacional 1910—1 vol. ill. e cart.—229×159. Offerta com dedicatória autographa do auctor.
- 22 In Memoriam—Numero especial do Boletim da Sociedade Litteraria Almeida Garrett Homenagem de Saudade ao seu benemerito Presidente, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conde de Valençães—1.º anno—N.º 11—Lisboa—Livraria Central—1910—1 folh. ill.—27×19—(Composto e imp. na Typ. Teixeira Succ.<sup>a</sup>—Porto). Offerta da Sociedade.
- 23 Instituto (O)—Revista Scientifica e Litteraria—Coimbra—Imp. da Universidade—1910—N.ºs 9, 10 e 11 do vol. 57.º—(Setembro a Novembro de 1910—23,5×16. Offerta do Instituto.
- 24 Katalog Kunstgewerbe füm Teilans der Bibliothech des Gels Hofrats Dr. Rulandweil. Direktor des Grosshersogl. Museums fu Weimar—Leypzig—Harl W. Hiersemann—1910—1 folh.—20×14.
- 25 Limia—Revista mensal illustrada de Letras, Sciencias e Artes—Director João da Rocha—Serie 1.ª—Tomo I—N.ºs 1, 2 e 3 referentes a Outubro, Novembro e Dezembro de 1910—Vianna do Castello—Typ. André J. Pereira—1910—3 folh. ill.—24×16. Offerta da Redacção.
- 26 Memorias de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona—Tercera Epoca—Vol. VIII—N.ºs 22 e 23—Barcelona—A. López Robert Impressor—1910—2 folh.—30×23. Offerta da Academia.
- 27 Numismatica Portugueza—O Real Preto—por Ferreira Braga—Lisboa—Imp. Nacional—1907—1 folh. ill.—25×16. Offerta com dedicatória autographa do auctor, nosso illustre Consocio.
- 28 Oriente (O) Portuguez—Revista da Commissão Archeologica da India Portugueza—Nova Gôa—Imp. Nacional—1910—7.º anno, n.ºs 9 e 10—Setembro e Outubro de 1910—25,5×16. Offerta da Commissão.
- 29 Relations (The) of Railways to City Development—papers read before the American Institute of Architects—Washington—Gibsau Bros—1910—1 vol. ill. e br.—23×17. Da Commissão de Trocas.
- 30 Repertoire d'Art et d'Archéologie—Dépouillement des periodiques français et étrangers—Publications pour faciliter les études d'Art en France—Deuxième Trimestre—Paris—Bibliothèque d'Art et d'Archéologie—1910—(La Roche-sur-Jou—Imp. Centrale de l'Ouest)—1 folh.—26,5×20. Offerta da Redacção.
- 31 Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos—Organo del Cuerpo Facultativo del Ramo—Tercera Epoca—Año XIV—Julio, Agosto, Septiembre—Octubre de 1910—Madrid—Tip. de la Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos—1910—2 vol. br. e ill.—25×17,5. Offerta da Direcção da Revista.
- 32 Revista de la Sociedad de Estudios Almerienses—Tomo I—Junio 1910—Almeria—Imp. «Non Plus Ultra»—1910—1 folh.—25,5×17,5. Offerta da Sociedade.
- 33 Revista de Obras Publicas e Minas—publicação mensal da Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes—Tomo XLI—1910—N.ºs 487 a 490—Correspondentes a Julho, Agosto, Setembro e Outubro—Lisboa—Imp. Nacional 1910—2 vol. ill. e br.—23×14,5. Offerta da Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes.
- 34 Sociedade Propaganda de Portugal—Boletim Mensal—Quarto anno—N.ºs 9, 10, 11 e 12—Setembro a Dezembro de 1910—Lisboa—Comp. imp. Rua Corpo Santo, 48—1910—4 folh. ill. e br.—31×20. Offerta da Sociedade.

### Secção de Bibliographia e Catalogos

- Nova secção de catalogos de Bibliothecas e Livrarias, em organização na Bibliotheca do Carmo.
- 35 Catalogo da boa livraria que pertenceu ao fallecido *Visconde de Ouguella*—Contendo magnificas obras de sciencias, litteratura, historia e muitas outras obras illustradas—(vendida em leilão em julho de 1897)—Lisboa—

- Companhia Typographica—1897—1 vol. br.—23×15,5. Offerta do sr. Rocha Dias, nosso illustre Consocio.
- 36 Catalogo da importante livraria do distincto numismata—Dr. Teixeira de Aragão—Lisboa—Imp. Lucas—1904—24×17. Offerta do nosso Bibliothecario.
- 37 Catalogo da livraria de *Arnaldo Gama*—vendida em leilão em Novembro de 1895—sem local de impressão—1895—1 folh. 17×12,5. Offerta do sr. Rocha Dias, nosso illustre Consocio.
- 38 Catalogo da livraria do finado *Marquez de Sousa Holstein*, sub-inspector da Real Academia de Bellas Artes—vendida judicialmente, em Outubro de 1879, na Calçada dos Caetanos, 48 aproximadamente de seis mil volumes—Lisboa—Typ. J. H. Verde—1879—1 folh—22,5×16,5. Offerta do sr. Rocha Dias, nosso illustre Consocio.
- 39 Catalogo da livraria do Ex.<sup>mo</sup> Sr. *Visconde de Paiva Manso*—Lisboa—Typ. Universal—1877—1 vol. br.—21,5×14,5. Offerta do sr. Rocha Dias, nosso illustre Consocio.
- 40 Catalogo da livraria que pertencia ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. *Dr. Adelino Albano da Motta*—Barcellos—Typ. da Aurora do Cavado—1892—1 folh.—17,5×12,5. Offerta do sr. Rocha Dias, nosso illustre Consocio.
- 41 Catalogo da livraria que pertenceu ao fallecido *Conselheiro Vicente das Neves Gomes Elyseu*, Juiz do Supremo Tribunal de Justiça—vendida em leilão em Dezembro de 1899—Lisboa—Typ. da Comp.<sup>a</sup> Nac. Editora—1899—1 folh.—23×16. Offerta do nosso Bibliothecario.
- Nota—No presente catalogo vão comprehendidos os livros que pertenceram aos Doutores José das Neves Gomes Elyseu e João das Neves Gomes Elyseu, irmãos do fallecido Conselheiro Vicente das Neves Gomes Elyseu.
- 42 Catalogo das obras á venda na *Typographia da Academia Real das Sciencias*—(1779-1904)—Annexo á obra «As publicações da Academia Real das Sciencias de Lisboa—por Alberto Alexandre Girard, administrador eleito da Typographia—Lisboa—Por ordem e na Typ. da Academia—1905—1 vol. br.—16×11. Offerta do nosso illustre Bibliothecario, sr. Visconde da Torre da Murta.
- 43 Catalogo da preciosa livraria do eminente escriptor *Camillo Castello Branco*—vendida em leilão em Dezembro de 1883—Lisboa—Typ. Mattos Moreira & Cardoso—1883—1 folh. 22×16,5. Offerta do sr. Rocha Dias, nosso illustre Consocio.
- 44 Catalogo das principaes obras da valiosa livraria do fallecido Conselheiro *Manuel d'Assumpção*—vendida em leilão judicial—Codices, alguns em pergaminho, illuminados, dos seculos XIV-XIX, raridades bibliographicas, edições dos seculos XV-XIX, sciencias, prehistoria, archeologia, historia. Litteratura, bellas-lettras, bellas-artes, edições de luxo, obras illustradas com gravuras, chromolythographias, etc. Sem local nem data de impressão—1 folh.—20,5×15. Offerta do sr. Rocha Dias, nosso illustre Consocio.
- 45 Catalogo das publicações da *Academia Real das Sciencias de Lisboa*—(1779-1892)—que se acham á venda no deposito da Academia—Lisboa—Typ. da Academia—1893—1 vol. br.—22,5×15. Offerta do nosso illustre Bibliothecario, sr. Visconde da Torre da Murta.
- 46 Catalogo de diversas obras que se vendem na *Imprensa Nacional*—nos respectivos armazens e livrarias de seus commissarios—Lisboa—1879—1 folh.—19×12. Offerta do sr. Rocha Dias, nosso illustre Consocio.
- 47 Catalogo de diversas obras para venda, *Imprensa Nacional de Lisboa*—existentes nos seus depositos—Lisboa—1907—1 folh.—22×14. Offerta do nosso illustre Bibliothecario, sr. Visconde da Torre da Murta.
- 48 Catalogo de livros antigos e modernos alguns raros e curiosos—vendidos em leilão dirigido por L. Trindade—sem local nem data de impressão—1 folh.—23×15,5. Offerta do sr. Rocha Dias, nosso illustre Consocio.
- 49 Catalogo de livros da importante livraria que pertenceu a *Augusto Luso da Silva*, ex-professor do Lyceu do Porto—Obras sobre sciencias, artes, litteratura, etc. etc., antigas e modernas—Porto—Typ. de Antonio Paulino—1906—1 folh.—20 5×14,5.

- 50 Catalogo de livros modernos e antigos pertencentes a uma escolhida livraria—(vendida em leilão em Junho de 1891)—na Praça do Principe Real—Lisboa—Typ. da Viuva Sousa Neves—1891—1 folh.—21,5×14,5. Offerta do sr. Rocha Dias, nosso illustre Consocio.
- 51 Catalogo de uma boa collecção de livros raros, curiosos e escolhidos da livraria do fallecido Contador da Imprensa Nacional Ex.<sup>mo</sup> Sr. *Francisco Angelo de Almeida Pereira e Sousa*—Lisboa—Imp. Nacional—1899—1 folh.—22×14. Offerta do sr. Rocha Dias, nosso illustre Consocio.
- 52 Catalogo de uma escolha de bons livros da copiosa e importante livraria do fallecido notavel alfarrabista *João Pereira de Silva*—parte que coube em partilha a um dos seus herdeiros—vendida em leilão em abril de 1900 dirigido por L. Trindade—Obras impressas sobre todas as materias, muitas raras e todas estimadas e curiosas. Manuscriptos importantes. Estampas, desenhos originaes—Imp. Lucas—Lisboa—1900—1 vol.—21,5×15. Offerta do sr. Rocha Dias, nosso illustre Consocio.
- 53 Catalogo das importantes livrarias dos fallecidos srs. *Conselheiros José da Silva Mendes Leal e Jorge Cesar de Figanière*—(Impressos—Manuscriptos—Estampas—Copiosa e importante collecção de retratos, desenhos, gravuras etc.—Mappas—Moedas e medalhas—Quadros a oleo—Sellos de varias especies)—Lisboa—Typ. Universal—1889—1 vol. br.—25×16,5. Offerta do sr. Rocha Dias, nosso illustre Consocio.
- 54 Catalogo de uma importante livraria particular—(vendida em leilão em Novembro e Dezembro de 1901)—Porto—Typ. Peninsular—1901—1 vol. br.—23 16. Offerta do sr. Rocha Dias, nosso illustre Consocio.
- 55 Catalogo do leilão de livros—que ha de effectuar-se em Lisboa no local e hora abaixo designados—Lisboa—Typ. do «Reporter» 1892—1 folh.—21×14. Offerta do sr. Rocha Dias, nosso illustre consocio.
- 56 Catalogo dos livros que pertenceram a *um fallecido medico e lente da Escola Medico Cirurgica do Porto*—vendida em leilão em Novembro de 1907—Porto—Typ. Peninsular—1907—1 vol. br.—23×16. Offerta do nosso Bibliothecario.
- 57 Catalogo (Regulamento e—) da *Bibliotheca da Associação Civilização Popular*—Lisboa—Imp. Nacional—1875—1 folh.—23,5×14,5. Offerta do sr. Rocha Dias, nosso illustre Consocio.
- 58 Catalogo de livros e publicações politicas e legislativas da *Bibliotheca do Barão de S. Clemente*—Lisboa—Typ. e lith. a vapor da Papelaria Progresso—1893—1 folh. br.—21×15. Offerta do sr. Rocha Dias, nosso illustre Consocio.
- 59 Catalogue de la *Bibliothèque Archéologique de feu M. Le Comte Arthur de Marsy*, Directeur de la Société française d'Archéologie—(vendida em Compiègne em Novembro de 1900)—Auxerre—Imp. Albert Lanier—1900—1 vol. br.—25×16,5.
- 60 Catalogue d'une *Collection Camoniana - A. Ferin*—(vendida em Maio de 1886)—Lisboa—Typ. Elzeviriana—1886—1 folh.—22×14. Offerta do sr. Rocha Dias, nosso illustre Consocio.
- 61 Catalogue d'une importante collection de livres anciens et modernes sur l'Histoire, la littérature, et la langue du Portugal et de l'Espagne—provenant de la Bibliothèque de *João Evangelista Guerra Rebello de Fontoura*—Leipzig—Karl W. Hiersemann—1889—2 folh.—21×14 (Bibliotheca Hispano-Portugueza).

### Jornaes

Primeiro de Janeiro—Tripeiro (O)—Nação (A)—Todos por obsequio das respectivas administrações.

Lisboa, Museu do Carmo, 31 de Dezembro de 1910.

JULIO AUGUSTO FERREIRA

Bibliothecario